2 - Louis Couty

lugares e saberes, textos e contextos no Império do Brasil

Moisés Stahl

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

STAHL, M. Louis Couty: lugares e saberes, textos e contextos no Império do Brasil. In: *Louis Couty e o império do Brasil: o problema da mão de obra e a constituição do povo no final do século XIX (1871-1891)* [online]. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2016, pp. 11-87. ISBN 978-85-68576-85-4. <https://doi.org/10.7476/9788568576854.0002>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Louis Couty: lugares e saberes, textos e contextos no Império do Brasil

Estamos assistindo a um curioso movimento de opinião que merece ser assinalado em seu início e estudado mais tarde, tanto para o Brasil como para a Europa. Dos pontos mais opostos e sob as mais diferentes formas ecoa o mesmo chamado [...].²¹

No trecho acima, Louis Couty assinalava o movimento de opinião, o debate sobre o futuro do país em torno da condução da abolição ou de como ela deveria ocorrer, decorrente da “crise que o Brasil” atravessava. Para tanto, cabia a um “único homem” a missão de solucionar a crise. Era do Imperador que o país inteiro esperava “a ruína ou a salvação”. Para auxiliar o Imperador na tarefa de conduzir esse momento, Couty listava quatro nomes: José do Patrocínio, um “polemista constantemente apaixonado”, que professava opiniões republicanas, mas que, segundo Couty, estava disposto em abandonar suas ideias se o imperador “ajudar-nos a fazer uma reforma

²¹ COUTY, Louis. “A missão de um homem”. 25 nov. 1883. In: *O Brasil em 1884: esboços sociológicos*. Tradução de Ligia Vassalo. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Brasília: Senado Federal, 1984, p. 257. Optamos por indicar a data da publicação de cada artigo citado a fim de que o leitor possa visualizar o percurso cronológico da intervenção das ideias de Louis Couty nos debates analisados.

social mais indispensável que as reformas políticas: a libertação dos escravos”.²² No mesmo lado estava Joaquim Nabuco, “um orador que carrega dignamente um nome político estimado”, que nos dizeres de Couty dava “ilustração” ao movimento abolicionista e também esperava de “uma única força” capaz de impor a transformação necessária do trabalho e da propriedade.

De outro lado, estavam “outros homens menos extremados” e em “nossa opinião mais meritórios” que observam “as necessidades do país no seu conjunto, sem subordinar tudo à solução imediata e primordial de um único problema”, o da abolição sem reformas. Esses dois homens também se voltavam para o Imperador. Um deles era o jornalista Ferreira de Araújo que “tão bem representa esse novo Brasil”. O Brasil tem necessidade de um homem, dizia Ferreira de Araújo citado por Couty, de um homem “pessoalmente honrado” como o Imperador, mas “tem necessidade, sobretudo, de um homem em toda a acepção da palavra”. Alfredo d’E. Taunay era o outro homem que “dirigindo-se ao Monarca já idoso, universalmente estimado, que deu ao Brasil longos anos de ordem, paz e certo sentido de liberdade e progresso”, incitavam-no a “tornar definitiva e durável a obra da pátria una, forte e poderosa”.²³

Nessa equação formulada por Louis Couty em 1883, sobre os destinos do Império, ao Imperador caberia

²² Foi assim que se referiu Couty ao que disse José do Patrocínio. COUTY, Louis. “A missão de um homem”. 25 nov. 1883. In: *O Brasil em 1884*, op. cit. 1984, p. 257.

²³ COUTY, Louis. “A missão de um homem”. 25 nov. 1883. In: *O Brasil em 1884*, op. cit., 1984, p. 258.

responder aos anseios dos diversos lados que compunham o “chamado” que ecoa e solucionar a crise e conduzir o país, pelas reformas necessárias, a uma nova etapa. Contudo, qual seria a missão de Couty na equação formulada? Os estrangeiros, dizia ele, “que assistem a tal espetáculo como observadores atentos e interessados têm o dever de dar testemunho”.²⁴ Apesar de não se referir a si, o trecho anterior revela o Couty que não quer “falar de política”,²⁵ mas que está atento aos acontecimentos e preza a continuidade do Monarca, sobretudo do Monarca que conduziu pessoalmente sua vinda para o Brasil. Todavia, sua relação próxima ao Imperador, acreditava Couty que “o homem pode modificar por si só a sua própria evolução e que a marcha de uma sociedade depende da associação livre dos esforços voluntários de seus diferentes membros, os que governam este país têm o dever de se separar tanto dos idealistas, partidários da libertação imediata, como dos políticos, para quem a abstenção é um meio de progresso”.²⁶ Portanto, meses depois de escrever sobre a missão do Imperador, indicou o que ele entendia ser a melhor ação na evolução dos fatos. Couty estava criticando o modo pelo qual o movimento abolicionista agia na defesa da abolição imediata ao mesmo tempo aconselhava o Imperador a seguir um lado, o das reformas via imigração, a melhor ação, segundo ele, na evolução dos fatos.

²⁴ COUTY, Louis. “A missão de um homem”. 25 nov. 1883. In: *O Brasil em 1884*, op. cit., 1984, p. 258.

²⁵ COUTY, Louis. “A opinião a propósito das *Coisas Políticas* do Sr. Ferreira de Araújo”. 16 mar. 1884. In: *O Brasil em 1884*, op. cit., 1984, p. 242.

²⁶ COUTY, Louis. “Revolução, evolução, ação”. 17 abr. 1884. In: *O Brasil em 1884*, op. cit., 1984, p. 240-241.

Em uma carta, de 1891, endereçada a Alfredo d'E. Taunay, D. Pedro de Alcantara, o então ex-Imperador, redigiu – o que ficou conhecido na imprensa da época como um “testamento político” do Império – suas memórias, onde relatou o que fez em seus anos de Brasil, o que pretendia ter feito, os projetos que animou o orgulho a partir dos resultados obtidos, creditando aos trabalhos realizados no Museu Nacional e a atuação de Couty considerações importantes.

[...] Sempre procurei animar palestras, sessões, conferências científicas e literárias, *interessando-me muito* pelo desenvolvimento do Museu Nacional. O que aí fez o Dr. Couty tornou esse estabelecimento conhecido na Europa; muitos dos trabalhos do Museu são hoje citados e aplaudidos [...].²⁷

O trecho da carta, acima transcrito, revela alguns significados da trajetória de Louis Couty no Império, sobretudo sua proximidade com o Imperador, fundada em um programa de desenvolvimento científico que era parte integrante do projeto modernizador do Império. Após o término da Guerra do Paraguai (1870) e da assinatura da Lei do Ventre Livre (1871), onde uma parte importante das elites econômicas e políticas via a concretização da emancipação escrava de forma lenta e gradual,²⁸ a Coroa

²⁷ *Jornal do Commercio*, 28 maio 1891. Esta carta de Pedro II foi publicada na imprensa da então capital da República e reproduzida nos jornais dos demais estados. [grifo nosso].

²⁸ Ao mesmo tempo em que se iniciava esse processo de modernização, após a Guerra do Paraguai, abriu-se o fosso, fatal para o destino do Império, entre o Exército e as instituições políticas da monarquia. Em um sentido mais profundo, foi também a guerra que determinou

engajou-se em um ativo trabalho de aprimoramento da imagem do país no exterior. O início de um programa de viagens do Imperador à Europa e a outras partes do mundo,²⁹ a participação do país nas grandes exposições internacionais, a criação e desenvolvimento das instituições científicas, a organização dos Congressos Agrícolas que deveriam discutir os destinos da produção nacional, são evidências desse esforço modernizador.³⁰ A centralização política colocava esse esforço em grande parte nas mãos da própria Coroa, que aparecia como anfitriã de viajantes e naturalistas, e em correspondência ativa com cientistas em várias partes do mundo. Podemos apreender essa centralização na correspondência entre Couty e Pedro II. Nessas correspondências, Couty informava suas

que o fim do trabalho escravo passasse a ser visto como “questão de Estado”, estabelecendo a urgência de se dar início ao processo de emancipação. COSTA, Wilma Peres. *A Espada de Dâmoques: o Exército, a Guerra do Paraguai e a Crise do Império*. São Paulo: Hucitec/Unicamp, 1996.

²⁹ Era preciso estabelecer a imagem do Monarca cidadão e civilizado e repercutir isso mundo afora. SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 357.

³⁰ A ideia de modernização e progresso, que surgia no contexto, estava baseada nos modelos europeu e americano, iluminando o pensamento da elite intelectual e política no Brasil. Era, portanto, a superação do trabalho escravo por um trabalho livre, condição fundamental para o desenvolvimento do país. A redefinição, nos oitocentos, das estratégias que recuperaram e impuseram a imagem do trabalho como propriedade a ser negociada livremente no mercado, tornou-se imagem engrandecedora do homem e meio para atingir a propriedade e ascensão social. Cristalizou-se, com isso, o progresso, confundido com o aumento da produção agrícola com a modernização técnica e com o trabalho livre operoso e disciplinado. MARSON, Isabel Andrade. “Trabalho livre e progresso”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 7, 1974.

pesquisas e solicitava a intervenção pessoal do Monarca nas questões internas do Museu Nacional.³¹

Louis Couty teve uma inserção destacada no projeto de uma Ciência Nacional que se buscava realizar no país. Como iremos demonstrar neste capítulo, foi sua função como cientista que o levou a entrar em questões nacionais, na medida em que a ciência cumpria um papel de agente de transformação capaz de retirar o Brasil de uma condição de pré-civilizado e alçá-lo à condição de moderno e civilizado. A ciência nesse momento imprimia o meio capaz de modernizar e assim conduzir ao estágio mais elevado de civilização.

A memória de Louis Couty para seus contemporâneos era a de um homem ilustrado, que tinha no espírito a qualidade de defender os interesses do Brasil no exterior. Esta qualidade é recorrentemente reiterada, pela imprensa, ao longo de seus anos no Brasil, como exemplo a nota que saiu no *Jornal do Recife* sobre a iniciativa de Couty junto ao governo francês de ofertar o mate e a carne seca como alternativas alimentares ao exército da França, além de seus trabalhos realizados em prol da ciência brasileira o “Dr. L. Couty, sabemos todos, é um dos estrangeiros, dentre tantos que têm vindo a este país, que mais tem dado provas de se interessar vivamente pela nossa prosperidade”.³²

³¹ GOMES, Ana Carolina Vimieiro. *Uma ciência moderna e imperial*, op. cit., 2013, p. 79. Segundo Ana Gomes, essas cartas revelam também indícios da centralização da Monarquia brasileira nos assuntos do país. Para a autora, havia uma tensão entre o projeto de desenvolvimento de uma ciência nacional e os limites de um Estado monárquico e centralizador.

³² *Jornal do Recife*, 29 jun. 1881. Esta notícia saiu primeiro em a *Gazeta de Notícias*.

Essa inserção de Couty, somada à memória que em carta o Imperador revelava ter dele, evidenciam que em seu tempo, Couty exerceu e usufruiu de uma representatividade significativa. Por isso, para compreendermos suas ideias e como elas interviram nos conflitos ideológicos de seu tempo entendemos e reconhecemos a força das palavras como atos de intervenção.³³ Destarte, não entendemos o pensamento de Couty como algo descolado dos problemas de seu momento, pelo contrário, suas ideias interviram nas questões mais importantes da última década do regime monárquico.

Uma inquietação que surge com isso, é saber como Louis Couty foi autorizado a discutir questões nacionais e propor soluções para os problemas de seu tempo. Para tanto, utilizamos a ideia de capital científico que consiste em um poder que se pode denominar temporal (ou político), “poder institucional e institucionalizado que está ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas”.³⁴ Essa autoridade de falar sobre o Brasil, Louis Couty adquiriu no curtíssimo espaço de tempo que viveu no país (1879-1884), mas foi intensificada por sua relação com o Imperador e com o círculo de reformadores que lhe estava próximo e pelas posições importantes que ocupou, em um campo simbólico fortemente imantado pela Coroa, como o cargo de professor de Biologia Industrial na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, sendo diretor do laboratório da mesma disciplina na mesma

³³ SKINNER, Quentin: *Hobbes e a liberdade republicana*. Tradução de Modesto Florenzano. São Paulo: UNESP, 2010, p. 14-15.

³⁴ BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: UNESP, 2004, p. 35.

instituição; pesquisador associado do Museu Nacional e em seguida diretor do Laboratório de Fisiologia Experimental que estava anexo e devia obrigações administrativas ao Museu Nacional. A partir disso queremos caracterizar o capital científico de Couty, evidenciando as relações e posições que foi adquirindo e ocupando no período em que viveu no Brasil, se inserindo no projeto de constituição de uma ciência nacional, cujo escopo maior era modernizar o país e civilizá-lo. Para tal obra, era preciso recorrer aos lugares que poderiam fornecer homens (cientistas) com conhecimentos e capacidade de alcançar os objetivos pretendidos. Quem eram os cientistas que tinham a solução para transformar o país em moderno e civilizado? Como seria essa poção? Couty foi um deles, e sua atuação foi de destaque nesse processo de constituição e consolidação de uma ciência nacional e da propaganda de uma boa imagem do Brasil no exterior.

2.1 Na França

Louis Couty nasceu na cidade francesa de Nantiat, próximo a Limoges, em 13 de janeiro de 1854. De família pouco abastada, mas respeitável,³⁵ realizou seus estudos secundários em Dorat, recebendo a carta de bacharel em letras em 1871, tendo 17 anos de idade. Em seguida formou-se em ciências e, “após brilhantíssimo concurso”, conseguiu o lugar de assistente interno no hospital de

³⁵ TAUNAY, Alfredo d'E.. “Louis Couty, esboço biográfico”. In: COUTY, Louis. *Pequena propriedade e imigração europeia*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1887, p. 8-9.

Limoges. Em 1873, empenhado na causa científica muda para Paris e se candidata a um cargo no Hospital, obtendo a aprovação. Em 1875 apresenta sua tese de doutoramento, sendo aprovada em três instituições: Faculdade de Medicina de Paris, Sociedade de Cirurgia e Academia de Medicina. “Que radiosa estréia de carreira” exclamou Alfredo d’E. Taunay.³⁶

Numa carreira que seguia o célere desenvolvimento científico característico do século XIX, Couty se classificou em primeiro lugar para a função de professor na Faculdade de Medicina de Paris em 1878. Nesse entretempo, o Imperador D. Pedro II, conhecido entusiasta da ciência e das artes, procurava um professor para a nova disciplina de Biologia Industrial que seria criada na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. A intermediação na contratação de Couty pode ser entendida nas correspondências entre D. Pedro II e o General francês Morin e complementadas na atuação do cientista francês Vulpian. Morin mantinha estreita amizade com Pedro II, sendo que em uma das correspondências entre ambos, visualizam-se detalhes do processo de escolha do futuro professor da Escola Politécnica. Dentre as exigências depreendidas, por D. Pedro II, estavam presentes a de ser jovem, bom conhecedor e seguidor dos modelos teóricos e práticas da ciência experimental europeia.³⁷ Por sua vez, o fisiologista francês Vulpian, em carta com Pedro II, não escondia elogios às competências de Couty.³⁸

³⁶ TAUNAY, Alfredo d’E, op. cit., 1887.

³⁷ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 76.

³⁸ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 75. Para a autora, nesse processo de escolha de Couty como professor, Pedro II pode ser entendido como um mediador cultural e não apenas um mecenas.

Ainda na França, Couty, já contratado, sob a incumbência do governo brasileiro, passou a realizar investigações experimentais sobre a composição da erva mate no laboratório de Vulpian. O Imperador acompanhava essas experiências de Couty que seriam apresentadas na Academia de Ciência de Paris. Ao mesmo tempo Couty cuidava da compra de equipamentos para a Escola Politécnica.³⁹

O tema da erva mate ganhava relevância, tanto pelo interesse em diversificar a pauta de exportações brasileiras, como pela necessidade de estimular a economia da vasta fronteira platina, que recebia devida atenção desde o final da Guerra do Paraguai. Essas primeiras relações de Couty com o governo imperial eram noticiadas na imprensa da Corte ordinariamente, mas encontramos jornais que reproduziam as notícias sobre a ciência brasileira e sobre Couty nas demais províncias do Império. Como atesta a notícia veiculada na folha *O Cruzeiro*: “Escola Politécnica – O governo Imperial autorizou o nosso enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em Paris a contratar o Dr. Luiz Couty, a fim de reger a cadeira de biologia industrial daquela escola”.⁴⁰ Na província do Pará a nota da contratação de Couty saiu em um texto curto, como na acima citada, sendo bem provável uma reprodução de outro jornal da Corte.⁴¹ Na Bahia o mesmo ocorreu no periódico *O Monitor*.⁴² Essas veiculações na imprensa da Corte e suas reproduções nas demais províncias do Império dão o tom do capital científico que

³⁹ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 77.

⁴⁰ *O Cruzeiro*, 14 ago. 1878.

⁴¹ *O Liberal do Pará*, 6 set. 1878.

⁴² *O Monitor*, 20 ago. 1878.

Couty possuía e que ganhava mais visibilidade e novos significados na realidade brasileira.

A presença de cientistas franceses já era importante na Escola Politécnica. Apesar de ter sido contratado para uma disciplina nova, Biologia Industrial, na Escola Politécnica, Louis Couty substituiu o cientista francês Dr. Clément Jobert. Para tanto, “foi rescindido o contrato com Jobert, contratando o governo imperial Couty”.⁴³ Com Couty no Brasil, a imprensa veiculou contendas entre Jobert e Couty. As controvérsias envolviam questões sobre a erva mate e os princípios tóxicos do curare extraído de plantas.

A primeira controvérsia, antes mesmo de Couty estar plenamente estabelecido, foi relatada numa carta que botânico J. Barbosa Rodrigues⁴⁴ publicou no jornal *Gazeta de Notícias*. Nessa carta, que o redator do jornal denominou “Acerca da falsificação do mate recebemos a seguinte carta”, Barbosa Rodrigues procurou contrapor as ideias de Clément Jobert sobre o mate utilizado nas experiências de Couty em uma reunião na Sociedade de Biologia de Paris no início de 1879. Nessa reunião Jobert havia acusado o mate brasileiro de ser falsificado. Em oposição às observações de Jobert, Couty teria demonstrado que o mate tanto brasileiro quanto o paraguaio eram de boa qualidade, afirmou Barbosa Rodrigues.⁴⁵

Na mesma nota de contratação de Couty foi informada a contratação do engenheiro Augusto Carlos da

⁴³ *Ministério do Império*. Relatório apresentado a Assembleia Geral Legislativa na 2ª Sessão da 16ª Legislatura, 1877, p. 33.

⁴⁴ A respeito da vida e atuação de Barbosa Rodrigues, conferir um dossiê da *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 5, 2012.

⁴⁵ *Gazeta de Notícias*, 13 mar. 1879.

Silva Telles para o cargo de professor substituto para a cadeira de “artes e manufaturas”⁴⁶ da Escola Politécnica. Augusto Telles viria escrever alguns trabalhos sobre o café e máquinas de secar café, além de produzir máquinas de secar de café. Dentre os trabalhos escritos por Augusto Telles estão alguns em parceria com Couty e com Goffredo d’ Escragnolle Taunay. Entre as criações com Goffredo Taunay esta a conhecida, na época, *Máquina de Secar Café Taunay-Telles*, que recebeu incentivo intelectual de Couty e algumas observações no periódico *o Auxiliador*. Os três participaram da comissão dirigida por Couty em 1881 que tinha como objetivo fazer propaganda dos produtos brasileiros na Europa. Dessa expedição resultou o Relatório que foi publicado em formato de livro: *Propaganda na Europa do Mate, do Café e da Carne Seca*. Além desses trabalhos, Augusto Telles publicou, em 1900, um livro com o título: *O Café e o Estado de São Paulo*.

Em carta a D. Pedro II, em que mencionava as motivações que contribuíram para sua decisão de aceitar a vir trabalhar e constituir carreira no Brasil, Couty conta os motivos que o fizeram deixar de lado o lugar de professor nas faculdades de medicina de Bordeaux ou Nancy, apontando a necessidade de conciliar seu futuro científico com os problemas financeiros de sua família, herdados com a morte de seu pai.⁴⁷ Dizia ele a Pedro II, com a morte do pai “que eu me decidi, após maduras reflexões, de vir ao Brasil”.⁴⁸ A menção indica a expectativa de uma

⁴⁶ *Ministério do Império*. Relatório apresentado a Assembleia Geral Legislativa na 2ª Sessão da 16ª Legislatura, 1877, p. 32.

⁴⁷ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 137.

⁴⁸ Apud GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 137.

carreira mais rápida para um jovem ambicioso e quiçá a de obter melhor remuneração no Império do que aquela que obteria na França, a partir do convite imperial. Não é possível aquilatar se ele foi atendido nessa expectativa, mas sua constante correspondência e encontros com D. Pedro II indicam que ele contava com o Imperador na proteção de sua carreira, inclusive em suas querelas com o diretor geral do Museu Nacional Ladislau Netto, onde Couty pedia a intervenção de D. Pedro II com o intuito de que houvesse um interesse do Imperador na autonomia do Laboratório de Fisiologia Experimental.

2.2 No Rio de Janeiro, no Império

Recebido com certa prevenção no Rio de Janeiro, atirou-se Louis Couty sem demora ao trabalho, e abriu logo assinalado lugar no seio da sociedade brasileira, fazendo-se notar pela facilidade da palavra e firmeza de conhecimentos. [...] fez repetidas conferências publicas sobre assuntos da sua especialidade; chamou a si a atenção dos mais abalizados e ilustres médicos do país, e, saindo do círculo que parecia prendê-lo pela natureza dos estudos tão árduos quanto exclusivistas e absorventes, não tardou a encarar de frente os problemas sociais do Brasil, que, pela sua complexidade e importância, lhe impressionaram mais fortemente o espirito, ávido de arcar com dificuldade correspondentes às valiosas forças de ação.⁴⁹

Na Corte, logo no primeiro ano de Brasil, em 1879, rapidamente se prestava as suas atividades de professor

⁴⁹ TAUNAY, Alfredo d'E, op. cit.

e cientista, como que ávido em produzir urgentemente, sem tempo, dava-se em penhor para a ciência. Foi notável o rápido entrosamento que Louis Couty teve com as elites do Império. Como apontamos acima, mesmo antes de manter residência fixa no Brasil, somos levados a acreditar que Couty já era conhecido pelos homens de letras e de ciência da Corte. Isto porque, seu nome era recorrentemente citado na imprensa da Corte e das demais províncias. Uma vez que a maioria do público leitor desses jornais era membro da elite letrada do Império, Couty teve um amplo espaço de sociabilidade e constituiria uma rede de relações com figuras e instituições notórias da Corte.

Desse modo, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN) através de seu periódico, *o Auxiliador*, propunha no dia primeiro de maio de 1879, o nome do professor Louis Couty para “sócio efetivo da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional”.⁵⁰ A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, cujos membros, em sua maioria, eram parte integrante da elite política e letrada do Império, pensavam os modelos, alternativas, e soluções que viabilizassem a construção da nação e a promoção do progresso material, como também participavam direta e/ou indiretamente da política e do país.⁵¹

Um dos primeiros textos de Louis Couty com maior destaque nesse primeiro ano no Brasil foi publicado na

⁵⁰ *O Auxiliador*, n. 5, 1879, p. 13

⁵¹ ANDRADE, André Luiz Alípio. *Variações sobre um tema: a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e o debate sobre o fim do tráfico de escravos (1845-1850)*. Dissertação (Mestrado em Economia) – Instituto de Economia da UNICAMP, Campinas, 2002.

Revista Brasileira, periódico importante que atraía colaboradores que se tornaram notórios escritores e intelectuais como Machado de Assis e Silvio Romero entre outros.⁵² Em seu artigo, *Os estudos experimentais no Brasil*, Couty tratou do papel da ciência na sociedade brasileira, lugar que era um imenso laboratório, com plantas pouco exploradas cientificamente.⁵³ Couty lamenta o fato de toda essa “prodigiosa riqueza das terras, da excessiva vegetação e do próspero estado de certas lavouras” não serem “conhecidas e apreciadas” no continente europeu. Surpreendeu-se, também, com os “avultados rendimentos, que pode uma fazenda produzir”; de mais surpresa foi a expressão colocada diante do fato de que o país tem toda essa potência com uma mão de obra cara e rara, e questionava como deveria ser se “o trabalho escravo fosse substituído por menos antigo processos de lavoura

⁵² A *Revista Brasileira* constituiu-se em importante “vitrine” para literatos e homens de ciência do século XIX, formando o panorama da produção literária e cultural que procurava definir a identidade nacional. Teve quatro fases, de 1849 a 1855 temos a primeira fase em que a revista foi herdeira da *Revista Guanabara*, importante periódico do Romantismo brasileiro. Na segunda fase (1857-1861) a revista ficou conhecida como *Revista Brasileira* e em seu conteúdo predominavam os assuntos científicos. A terceira fase (1879-1881) tinha por finalidade, como observa Moema Vergara, proporcionar aos escritores brasileiros a publicação das produções literárias e científicas de reconhecimento mérito e utilidade. O público-alvo da revista era o da elite letrada e econômica do Império. O próprio imperador era um leitor da revista sendo um financiador dela em 1880. Após o Império a revista teve outras fases. VERGARA, Moema. “Ciência e literatura: a *Revista Brasileira* como espaço de vulgarização científica”. In: *Sociedade e Cultura*, v. 7, n. 1, p. 75-88, jan./jun. 2004.

⁵³ COUTY, Louis. “Os estudos experimentais no Brasil”. In: *Revista Brasileira*, p. 216, 1879.

[...]”.⁵⁴ A repercussão de seu artigo foi boa, como indica uma nota na imprensa que, ao se referir ao recebimento do mais recente número da *Revista Brasileira*, a *Gazeta de Notícias*, mencionava em destaque, fazendo distinção, o artigo de Couty sobre os estudos experimentais no Brasil.⁵⁵ Nesse texto de maior circulação já esboçava preocupação e interesse pelas demandas da agricultura, em especial, *o problema da mão de obra*,⁵⁶ que para ele se tornou objeto preponderante de entendimento e de transformação da sociedade brasileira. Com efeito, como aponta a historiografia, nesse texto Couty subsidiou argumentos pioneiros no tocante à vulgarização da ciência.⁵⁷

Em meados do século XIX a finalidade do Estado e de seus intelectuais era elevar a natureza do país da barbárie à civilização. Naquele momento a política brasileira de construção nacional esteve condicionada à dominação e conquista do meio natural.⁵⁸ Na década de 1870, depois da Guerra do Paraguai, depois da Lei do Ventre Livre (1871), o Império Brasileiro intensifica seu interesse

⁵⁴ COUTY, Louis, op. cit., 1879. p. 216.

⁵⁵ *Gazeta de Notícias*, 1º nov. 1879.

⁵⁶ COUTY, Louis, op. cit., 1879, p. 216.

⁵⁷ Moema de Rezende Vergara observa que esse é um dos textos emblemáticos da história da divulgação científica no Brasil. Nesse artigo, de acordo com Vergara, Couty defendia a necessidade de desenvolver uma ciência nacional para cuidar dos problemas do país, e sustentava a ideia de que, para obter apoio da sociedade para suas atividades, o cientista deveria comunicar os seus avanços para o público em geral. VERGARA, Moema de Rezende. “Contexto e conceitos: história da ciência e ‘vulgarização científica’ no Brasil do século XIX”. In: *Inter-ciência*, v. 33, n. 5, 2008.

⁵⁸ DOMINGUES, Heloisa M. Bertol. “As ciências naturais e a construção da nação brasileira”. In: *Revista de História*; 2º semestre, n. 135, p. 41-60, 1996.

em inserir-se no panorama internacional, trilhando um caminho que buscava a transformação do meio natural, de toda a riqueza catalogada, através da ciência – no âmbito de um projeto de ciência nacional – para o exterior, aos países civilizados em uma tentativa de receber a resposta de que o Brasil já estava em condição de civilidade igual à dos países da Europa. A fundação e modernização de estabelecimentos científicos num movimento de encontro às Exposições Universais, palco privilegiado da divulgação das imagens das nações, ocupariam posições estratégicas naquele momento.⁵⁹ Desse modo, se no primeiro momento a preocupação dava-se em conhecer e se reconhecer, em um segundo momento as ações se davam em transformar, pela ciência, e ser reconhecido.

Para boa parcela das elites, o país se encontrava em estágio atrasado quando comparado ao grau de desenvolvimento dos países europeus.⁶⁰ A ciência seria o agente transformador de uma sociedade atrasada para

⁵⁹ As Exposições Universais eram palco internacional das grandezas dos países. Nelas buscava-se demonstrar o grau de desenvolvimento a qual pertencia determinado país. Eram, como assevera Barbuy, a “condensada representação material do projeto capitalista de mundo”. BARBUY, Heloisa. “O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, n. 4, 1996, p. 211-261. A presença constante do Brasil nessas Exposições é dado revelador do esforço do Imperador e das elites da Corte de veicular uma imagem diversa daquela de país escravocrata atrasado, buscava-se representar uma imagem de nação moderna e cosmopolita. SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador*, op. cit., p. 397.

⁶⁰ CARULA, Karoline. *A tribuna da ciência: as conferências populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009. p. 27. Ver também: GUALTIERI, Regina Cândido Ellero. *Evolucionismo no Brasil: ciência e educação nos museus (1870-1915)*. São Paulo: Livraria da Física, 2008.

uma sociedade ativa, progressiva, moderna. Não sendo apenas o pensamento das elites este, mas dos próprios cientistas que faziam ciência. Toda a apresentação de Couty a um público seletos como o da *Revista Brasileira*, as notas na imprensa sobre sua chegada, toda expectativa que sua ciência gerava é evidência dessa força de transformação que a ciência impunha no contexto, fomentando o caminho para o progresso.

Revelando uma agradável surpresa, Louis Couty encontrou “casualmente em todos os lugares” que percorreu “repetidas e variadas provas do grau de desenvolvimento intelectual e literário, administrativo, industrial e comercial” do país.⁶¹ Contudo, sentia falta de alguém que sintetizasse a grandeza científica, literária e produtiva do Brasil.

Atualmente as nações honram-se contemplando os seus sábios entre os seus mais uteis e ilustres filhos; e a França assim o entendeu, conferindo a Cl. Bernard honras fúnebres que até então eram tributadas aos conquistadores e poderosos do século, de preferência aos que haviam adquirido direito à gratidão da pátria.⁶²

Couty queria demonstrar que na Europa os cientistas passavam a ter *status* de heróis nacionais. Em um momento de definição das nações surgem com ela ícones que simbolizam sua grandeza. Era esta a reivindicação de Couty para o Brasil. Sentia ele falta de um símbolo, um ícone da ciência que resumisse o Brasil. Sobretudo, porquê:

⁶¹ COUTY, Louis. “Os estudos experimentais no Brasil”. In: *Revista Brasileira*, 1879, p. 216.

⁶² COUTY, Louis. “Os estudos experimentais no Brasil”, op. cit., 1879, p. 219.

No século XIX e principalmente no século XX não bastará a qualquer povo possuir grandes poetas, grandes escritores, grandes oradores, grandes administradores, não; será preciso que ele também possua investigadores pacientes e continuamente progressivos.⁶³

O século XIX indicou uma nova maneira de entender o mundo, “o meio natural e a sociedade passaram a ser compreendidos como ambientes em constante transformação e não domínios de permanência e previsibilidade”.⁶⁴ Ao cientista cabia tornar inteligível os meios técnicos e intelectuais de fomentar a transformação. Desse modo, Couty aponta nesse primeiro texto, que o espaço dado à ciência e aos cientistas na sociedade daquele momento vinha numa crescente e pode ser evidenciado pela presença constata das ideias dos cientistas nos periódicos e pelas discussões decorrentes que abrangiam variado tema. Por isso Couty trazia para si e para os seus essa responsabilidade icônica que fora atribuída a Cl. Bernard na França. O homem de ciência resume a nação e a ele cabe a tarefa de transformar. Assim, se é a civilização que se busca, o caminho é a ciência, “se o Brasil deseja ativar o seu desenvolvimento intelectual, é de seu imediato interesse trilhar desassombradamente a senda das investigações científicas”.⁶⁵

⁶³ COUTY, Louis. “Os estudos experimentais no Brasil”, op. cit., 1879, p. 222-226.

⁶⁴ GUALTIERI, Regina Cândido Ellero. *Evolucionismo no Brasil*, op. cit., 2008, p. 11.

⁶⁵ COUTY, Louis. “Os estudos experimentais no Brasil”, op. cit., 1879, p. 219.

Se para atingir a civilização era preciso conhecimento científico, sua difusão na sociedade era essencial.⁶⁶ Louis Couty entendia que a divulgação do conhecimento científico deveria estar na ordem do dia dos assuntos tratados pelos sábios e por homens instruídos. Dizia ele ser “preciso que o conhecimento dos métodos experimentais e dos problemas que por eles se resolvem faça parte da educação com o mesmo título que os demais conhecimentos”.⁶⁷ Como forma de alcançar esse ideal de vulgarização da ciência, Couty propõe uma série de estratégias de grande alcance para que a ciência chegasse ao grande público, sobretudo aos mais jovens. Os jovens, segundo ele, poderiam desasnar-se tornando leitores de Julio Verne, Hetzel e outros autores que poderiam incutir “nas mais tenras inteligências o gosto de saber indagar”.⁶⁸

Couty chegou num momento que a divulgação científica ganhava corpo no início da década de 1870. Foram com as *Conferências Populares da Glória* os primeiros passos da intensa divulgação do fazer ciência. Essas conferências eram realizadas para demonstrar resultados e discutir temas sociais que o debate científico incorporou. As discussões decorrentes das conferências não se restringiram ao local de realização do ato, espalhavam-se pela imprensa da Corte. Este fato torna-se evidência da repercussão dos debates ocorridos nas *Conferências* e demonstra que o espaço havia adquirido uma

⁶⁶ CARULA, Karoline, op. cit., 2009, p. 30-31.

⁶⁷ COUTY, Louis. “Os estudos experimentais no Brasil”, op. cit., 1879, p. 233.

⁶⁸ COUTY, Louis. “Os estudos experimentais no Brasil”, op. cit., 1879, p. 235-236.

importância significativa, uma vez que, as pessoas que lá se apresentavam possuíam prestígio na sociedade.⁶⁹ Essas conferências eram divulgadas na imprensa, informando hora, local e tema, como a seguinte nota: “O Sr. Dr. Luiz Couty encarregou-se da conferência n. 425, que há de ter lugar amanhã, às 11 horas, no salão das escolas publicas da freguesia da Glória”. Nessa conferência Couty tratou de comparar as “moléstias mentais e das neuroses no Brasil e em França”.⁷⁰

Como asseverou o literato e político Alfredo d’E. Taunay, Couty “fez repetidas conferências públicas sobre assuntos da sua especialidade” e “chamou a si a atenção dos mais abalizados e ilustres médicos do país”.⁷¹ Além das Conferências Populares da Glória, outro espaço de discussão do saber científico na Corte foi os cursos públicos do Museu Nacional. Os Cursos Públicos do Museu Nacional poderiam ser ministrados por seus membros correspondentes como Louis Couty que realizou tais cursos entre os anos de 1879 e 1881, num total de 22.⁷²

⁶⁹ CARULA, Karoline, op. cit., 2009, p. 30-31.

⁷⁰ *Gazeta de Notícias*, 14 out. 1882. É interessante notar que essa conferência provocou reação do médico Souza Lima que enviou carta à *Gazeta de Notícias* expondo seus pontos contrários à conferência de Couty (16 out. 1882). Louis Couty esteve vinculado ao Hospício D. Pedro II por alguns meses, de outubro de 1881 a maio de 1882. Segundo informações da *Gazeta de Notícias*, O Dr. Gustavo Camera havia sido desligado do cargo de diretor do serviço médico do hospício, sendo Louis Couty e o Dr. Nuno de Andrade “nomeados facultativos clínicos” do estabelecimento (21 out. 1881). Permaneceu até maio de 1882 quando pediu demissão do hospício (6 maio 1882).

⁷¹ TAUNAY, Alfredo d’E. op. cit.

⁷² CARULA, Karoline. *Darwinismo, raça e gênero: conferências e cursos públicos no Rio de Janeiro (1870-1889)*. São Paulo: Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História/FFLCH USP, 2012, p. 28-29.

Os cursos públicos realizados no Museu Nacional mantinham certa frequência, tendo no público presente “pessoas de todas as classes da sociedade, honrando-os quase sempre Sua Majestade o Imperador com Sua Augusta Presença”.⁷³ Tais atos públicos se caracterizavam por serem espaços de sociabilidade letrada, sobretudo porque contavam com a presença de homens importantes da ciência e política.⁷⁴ Nesses cursos Louis Couty e os demais cientistas do Museu Nacional divulgavam os resultados dos experimentos realizados. A imprensa cumpria a função de ampliar a reverberação do que se discutia nos cursos como fez a *Gazeta de Notícias*, que anunciava as primeiras preleções de Couty em 1879 a serem realizadas no salão dos cursos públicos do Museu Nacional.⁷⁵

Diante dessa inserção, podemos notar que a Couty foi oferecido um amplo espaço social, cultural e político que lhe possibilitou contato com figuras de atuação significativa na vida pública do Império. O fato de ter sido ele indicado pelo seu professor da Faculdade de Medicina de Paris a partir da intervenção do imperador

⁷³ NETTO, Ladislau. “Relatório Museu Nacional”. In: Anexos ao Relatório *Ministério da Agricultura*. Apresentado à Assembleia Geral Legislativa 3ª sessão da 17ª Legislatura, 1879.

⁷⁴ CARULA, Karoline, op. cit., 2012, p. 1-2. A temática abordada pelos oradores era vasta, abarcando política, economia, cultura e ciência. Carula analisa em sua tese as preleções que abordaram a temática científica, diz ela que: “A prática das conferencias públicas era um tipo de evento considerado moderno, uma vez que era semelhante às realizadas na Europa e nos Estados Unidos. Além disso, elas tratavam de temas considerados importantes dentro de projetos mais amplos de modernização da nação. Tais projetos refletiam a ânsia pelo moderno que marcou o século XIX [...]”, op. cit., p. 2.

⁷⁵ *Gazeta de Notícias*, 17 out. 1879.

D. Pedro II abriu, além de sua atuação de cientista, amplo espaço, garantindo a ele oportunidade de discutir as questões nacionais candentes do momento. Posto que, além dos temas científicos, discutiu em conferências e cursos, na Escola Politécnica, temas de ordem econômica e social: “Realiza-se hoje, Escola Politécnica, às 7 horas da noite, no anfiteatro de física uma conferência do Dr. Louis Couty, sobre *os elementos nacionais do trabalho agrícola*”.⁷⁶ Temas que comporiam sua abordagem sobre a questão da mão de obra, como o tema da conferência de 1882: “Deve realizar-se hoje, na Escola Politécnica, às 7 horas da noite, no anfiteatro de física, uma conferência do Dr. Louis Couty sobre a *Imigração europeia e a transformação das culturas atuais do Brasil*”.⁷⁷ Com isso, as ideias de Louis Couty circulavam pelos quatro cantos da Corte.

2.3 Na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, a cadeira de Biologia Industrial

A Escola Politécnica do Rio de Janeiro estabelecida em 1874 teve função importante no aparecimento da engenharia brasileira, sendo herdeira da Escola Central, criada em 1858 com o decreto nº 2116, que por sua vez era subordinada ao Ministério da Guerra. A partir de 1874, com as alterações que se seguiram com o decreto

⁷⁶ *Gazeta de Notícias*, 5 jul. 1882.

⁷⁷ *Gazeta de Notícias*, 12 jul. 1882. Nessa conferência esteve presente o Imperador. A *Gazeta de Notícias* faz um ligeiro comentário do ato e observa que “como sempre, o orador foi proficiente, tratando da tese anunciada, mostrou vastos conhecimentos sobre a matéria”, 13 jul. 1882.

nº 5600, a Escola Politécnica ficava sob a jurisdição do Ministério do Império.⁷⁸ Louis Couty veio contratado para o cargo de professor de Biologia Industrial na Escola Politécnica, curso até então novo que segundo o próprio Couty, “reúne num mesmo grupo a Agronomia, a Zootecnia e a Economia Política, pois trata ao mesmo tempo do *solo*, com seus produtos vegetais, e do *homem*, em seus esforços produtivos, musculares e intelectuais”.⁷⁹

A cadeira de Biologia Industrial assumida por Couty, tinha a disposição um laboratório, o Laboratório de Biologia Industrial, que chegou a possuir dois funcionários: um preparador e um servente. Além disso, possuía recursos de verba para experimentação. Tinha também coleções e uma biblioteca, além de “favores especiais do governo para viagens de instrução no interior do país”.⁸⁰ Essa nova disciplina foi caracterizada conceitualmente e exclusivamente por Louis Couty. Auxiliou em sua análise, sobretudo, instrumentalizou sua intervenção em questões de ordem social e política. A definição mais bem acabada da ideia de Biologia Industrial está no relatório *Étude de biologie industrielle sur le café* que Couty enviou ao diretor da Escola Politécnica. Na primeira parte deste relatório Couty analisa o aspecto biológico, geológico da produção do café, intervém na produção sugerindo a introdução de técnicas para melhorar a produção e qualidade do café. Mas será, sobretudo, na segunda parte que

⁷⁸ COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro (1822 – 1930)*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 194-195.

⁷⁹ COUTY, Louis. “Introdução”. In: *O Brasil em 1884*, op. cit., 1984, p. 15. [grifo nosso].

⁸⁰ *Gazeta da Tarde*, 8 out. 1884.

Louis Couty elaborou uma chave interpretativa e operou as ideias em voga na Europa num *lance* a fim de analisar não apenas o solo, mas também o homem. Comparando a Biologia Industrial com a Economia Política e com a Sociologia, Couty observa que a Biologia Industrial “penetra mais no problema”, posto que “estuda o esforço produtivo do homem, considerando-o em relação às suas diferentes necessidades”. Com isto, esta ciência, “cria uma ligação estreita entre as ciências sociológicas e as ciências biológicas”.⁸¹

Desse modo, a Biologia Industrial entende uma mercadoria como “produto biológico” do solo e do clima, assim está mais próxima da botânica e da zoologia. Mas também entende a mercadoria como um “produto do homem”, resultante de seus cuidados e preparo. Dessa forma, “esta disciplina, de acordo com seu título, tem o dever de discutir o modo de utilização da mercadoria” e de ver em que medida uma *indústria* pode ser adaptada para a satisfação de uma necessidade.⁸² Para tencionar entender a produção cafeeira em sua totalidade, Couty forjou esta chave interpretativa que possibilitou ir além dos aspectos biológicos e geológicos da produção cafeeira.

Asseverava Couty que se o termo “biologia industrial tivesse o sentido que o programa atribuiu”, seu estudo terminaria após descrição e análise da produção

⁸¹ COUTY, Louis. *Étude de biologie industrielle sur le café*, op. cit., rapport adressé à M. le directeur de l'Ecole Polytechnique. Rio de Janeiro: Imprimerie du Messenger du Brésil, 1883, p. 64. Todas as traduções do francês para o português foram de nossa autoria.

⁸² COUTY, Louis. *Étude de biologie industrielle sur le café*, op. cit., 1883, p. 64.

cafeeira em seu aspecto biológico e consideraria a disciplina que a ele “foi confiada como uma simples dependência da agronomia, da zootecnia, da mecânica ou química agrícola” e assim não teria Couty ido além destes aspectos. Com efeito, ao aceitar “como propósito de excursão prática o estudo dos preços de custo do café e de suas diversas condições, a congregação da Escola Politécnica demonstra compreender em seu significado mais amplo este ensinamento que o Brasil tem a honra de inaugurar”.⁸³ Fica claro que Couty propôs um aspecto mais amplo de estudo que envolvia a análise da mercadoria em uma ampla dimensão de relações e chegou a considerar esse aspecto algo novo que o Brasil tinha a *honra de inaugurar*.

Esse saber novo que Couty construiu para entender a realidade brasileira, para ir além do solo e entender o homem em sua relação com o solo, foi o meio pelo qual ele elaborou uma análise *sui generis* da realidade brasileira do final do século XIX. No contexto ambíguo, antagônico, da realidade imperial, no cenário de projetos de modernização do país postos a prova, isto é, era preciso que os projetos fossem aceitos internamente para que fossem testados, reconhecidos, no estrangeiro, a obra de Couty com a Biologia Industrial pode ser entendida como síntese da instrumentalização da modernidade. Com essa obra conceitual, Couty poderia pôr em equilíbrio o que ele via como fora de ordem.

⁸³ Idem, p. 63.

2.4 No Museu Nacional do Rio de Janeiro

A década de 1870 marcou a modernização das instituições científicas do Império e o Museu Nacional passou por transformações importantes que fizeram dele um grande centro de pensar o país pela ciência. Eram mudanças inevitáveis, pois seriam a partir de uma nova caracterização das instituições científicas que as ideias novas seriam operadas, amalgamadas em uma nova realidade. Diante disso várias iniciativas foram realizadas. Com efeito, foi em 1876 que Ladislau de Souza Mello Netto assumiu a direção do Museu Nacional e realizou um processo de modernização interno visando contribuir para a modernização do Brasil.⁸⁴

A gestão Ladislau Netto – de 1874 a 1893 – marcou a história do Museu Nacional. Enquanto Ladislau Netto foi diretor do museu, foram três os regulamentos estabelecidos sob seu comando, o de 1876, o de 1880 e 1890. O regulamento de 1876 destinava o Museu Nacional ao estudo da história natural, sobretudo do Brasil e ao ensino das ciências físicas e naturais e suas aplicações à agricultura, indústria e artes.⁸⁵ Outro aspecto a ser destacado das reformas de 1876 se relaciona à criação da revista *Archivos do Museu Nacional*. Esse periódico era muito elogiado por Ladislau Netto que via nele meio pelo qual “pode ser aferido o progresso intelectual deste Império”. Com o aparecimento dos *Archivos do Museu Nacional*, a

⁸⁴ CARULA, Karoline. *Darwinismo, raça e gênero*, op. cit., 2012, p. 15.

⁸⁵ LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Brasília: Unb, 2009, 159.

instituição colheu inúmeras vantagens a partir de permutas entre o museu e instituições congêneres na Europa e Estados Unidos. Como resultado dessas permutas, o Museu ampliava seu acervo com “publicações importantíssimas, revistas e obras avulsas”, que para Ladislau Netto justificava o custeio da revista, posto que no “computo anual” o que o museu recebia era “superior ao do custeio dos *Archivos*”. Além disso, pela vulgarização da revista os estrangeiros teriam conhecimento dos progressos e do “desenvolvimento científico a que tem atingido o Brasil”.⁸⁶ A revista cumpriria uma função importante no desenvolvimento da ciência nacional, sua criação ocorreu em um contexto no qual estavam reservadas ao museu algumas missões que colaborariam no processo de modernização do país, tanto nos campos científico e cultural, como no campo econômico.⁸⁷ No primeiro número da revista eram apresentados os membros correspondentes, sendo apenas três brasileiros num total de quarenta e quatro personalidades. Dentre os nomes estavam Paul Broca, Charles Darwin, Quatrefages, representando a adesão da publicação do Museu Nacional ao movimento científico internacional.⁸⁸ Louis Couty não publicou nenhum artigo na revista *Archivos do Museu Nacional*.

⁸⁶ NETTO, Ladislau. “Relatório Museu Nacional”. In: Anexos ao Relatório *Ministério da Agricultura*. Apresentado à Assembleia Geral Legislativa 3ª sessão da 17ª Legislatura, 1879.

⁸⁷ GUALTIERI, Regina Cândido Ellero. *Evolucionismo no Brasil*, op. cit., 2008, p. 36.

⁸⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 71. As personalidades brasileiras arroladas como membros correspondentes da revista eram o Visconde de Bom Retiro, Thomas Coelho de Almeida e D. S. Ferreira Penna, op. cit., p. 71.

Todas essas inovações da década de 1870 constituíam o nexo modernizador do país. Foi nesse cenário que Louis Couty tornou-se elemento importante no processo de transformação que atravessava o país em seu amplo aspecto: científico, econômico e político. Na ampla rede que interligou Brasil e Europa, Couty foi fundamental na conexão francesa onde procurou estabelecer pontes e revelou os meandros das ações dos homens de ciência na busca de novos mercados como demonstra um de seus coevos:

Aqueles que o viram [...] andando de ministério em ministério [francês], buscando o apoio de todos os homens que conheciam o Brasil, obtendo a nomeação de comissões incumbidas de julgar o valor nutritivo da carne seca, o papel benévolo do mate, empregado com bebidas nos países quentes, compreenderão como ele era dedicado ao país a que servia!⁸⁹

Nesse contexto, a necessidade de criação de um laboratório de fisiologia possibilitaria aumentar os trabalhos experimentais realizados no Museu Nacional. Com feito, os trabalhos de fisiologia experimental eram realizados por Louis Couty e João Baptista de Lacerda e tinham em predomínio os que trataram das ações fisiológicas de substâncias tóxicas, como veneno de plantas e animais. Tais trabalhos, por exemplo, visavam testar as conclusões obtidas por Claude Bernard (1813-1878) que

⁸⁹ “Biografia: L. Couty julgado pelo professor Gorceix”. In: *Gazeta Médica da Bahia*, série III; v. 2, p. 415, 1884-1885.

realizava as experiências com as espécies europeias.⁹⁰ Os experimentos sobre a ação fisiológica do curare era tema privilegiado do fisiologista francês Claude Bernard, que publicou seu *Études physiologiques sur quelques poisons américains: le curare*. Neste estudo, Bernard destacava que os venenos eram instrumentos importantes de análise dos fenômenos da vida. Com efeito, o Museu Nacional e posteriormente o Laboratório de Fisiologia foram os centros principais de estudos sobre a ação fisiológica dos venenos de plantas e animais no Brasil.⁹¹

Existia um intercâmbio entre os pares da ciência da época, como é caso desses trabalhos sobre a fisiologia do veneno de plantas e animais. Os trabalhos de Claude Bernard sobre o veneno presente nas flechas dos indígenas eram o centro em que gravitavam os demais experimentos que objetivavam contestar ou ampliar os resultados.

2.5 Veneno curare

Em 1879, o diretor do Museu Nacional, Ladislau Netto, após viagens, trouxe cobras e plantas que seriam utilizadas em séries de experimentos realizados por Louis Couty e João Baptista de Lacerda. Foram vários os experimentos realizados e os resultados eram publicados nos periódicos franceses. Em muitos experimentos, a augusta presença do Imperador era veiculada pela imprensa como a que fez a público a folha *O Apostolo*, quando noticiava

⁹⁰ GUALTIERI, Regina, op. cit., 2008, p. 42-43.

⁹¹ GOMES, Ana Vimieiro, op. cit., 2013, p. 24-25.

ter ido sua majestade Pedro II “assistir as experiências dos Drs. Couty e Lacerda Filho sobre a ação do *Strychnos triplinervia* e sobre o veneno da *Brotops jararacussu*”.⁹² A presença do Imperador nessas experiências era frequente e servia para legitimar a ciência realizada.⁹³

A trajetória das pesquisas e descobertas científicas sobre os venenos de plantas e de cobras, sobre erva mate, café etc. foi marcada por intensos debates num contínuo de fazer e refazer pesquisas construindo, assim, o contexto científico do final do século XIX. No momento de realização das investigações sobre o veneno de cobras e plantas, uma controvérsia, envolvendo de um lado Clément Jobert e do outro lado Louis Couty e João Baptista de Lacerda, fora publicada na seção “Notas Scientificas” da *Gazeta de Notícias* com o título: “O Sr. Dr. Jobert e os Drs. Couty e Lacerda”. Na nota o redator expõe a contenda entre Jobert e Couty sobre os resultados obtidos a partir de experimentos sobre o curare de plantas amazônicas. Jobert afirma que Couty e Lacerda se apropriaram dos resultados dele expondo-os como sendo dos dois, em oposição às acusações de Jobert, Couty e Lacerda redigem carta contestando os posicionamentos de Jobert. Esta carta também foi publicada na seção “Notas Scientificas” da *Gazeta de Notícias*.⁹⁴

⁹² *O Apostolo*, 20 jul. 1879.

⁹³ Com a década de 1870, D. Pedro II tornava-se um “monarca-cidadão”, nos termos de Schwarcz, que consistia no fato de o Imperador inaugurar o hábito de passear pelas ruas, visitar colégios e ginásios, conversar com visitantes estrangeiros. Com este comportamento o monarca se aproximava de seus súditos. SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador*, op. cit., p. 320-321.

⁹⁴ *Gazeta de Notícias*, 14 nov. 1879.

O veneno dos indígenas da América do Sul gerou curiosidade nos primeiros exploradores europeus que chegaram à região do vale do Amazonas e Orenoco nos séculos XVI e XVII. Desconhecido dos europeus, o veneno de ação paralisante, utilizado por algumas tribos indígenas nas pontas das flechas e dardos lançados pelas zarabatanas para a caça, era fabricado em um ritual conduzido pelo curandeiro da tribo. Os exploradores tencionavam saber qual espécie utilizada na mistura que compunha o veneno era responsável pela sua toxicidade. Durante o século XIX, o interesse científico pelo curare se intensificou, sobretudo, após os relatos que dele fez Humboldt que, com Karl Friedrich Philip von Martius e os irmãos Richard e Robert Schomburgk, atribuíram a toxicidade do veneno às plantas do gênero *Strychnos*.⁹⁵

Na década de 1870 naturalistas brasileiros procuraram determinar a composição botânica do curare. Em 1872, o botânico João Barbosa Rodrigues chegou à Amazônia, sob a incumbência do governo imperial, para fazer levantamento das espécies de palmeiras da região. Permaneceu na Amazônia por dois anos e meio, momento em que percorreu a região e colheu espécimes de plantas entrando em contato com indígenas e aprendendo a

⁹⁵ SÁ, Magali Romero. “Do veneno ao antídoto: Barbosa Rodrigues e os estudos e controvérsias científicas sobre o curare”. In: *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 5, suplemento, 2012, p. 13. Segundo SÁ, pouco avanço ocorreu em relação à química do curare até em 1886 quando o químico alemão, Rudolf Boehm, isolou um alcaloide quaternário extremamente tóxico, que denominou tubocurarina, além de outros dois terciários fisiologicamente inativos. Desta forma, Boehm formulou uma classificação empírica sobre as variedades de curare, baseada, essencialmente, nos recipientes em que as mesmas estavam contidas, op. cit., p. 14.

feitura do poderoso veneno. Após alguns anos do retorno de Barbosa, foram enviados, em 1878, ao vale do Amazonas os naturalistas viajantes do Museu Imperial, Carl August Wihelm Schwacke e Clément Jobert, com o objetivo de reunir coleção botânica para a instituição. Durante meses os naturalistas percorreram a região e colheram mais informações a respeito do curare, identificando as plantas principais que entravam na composição do veneno, denominadas pelos indígenas como “uirari” e “icu”, identificadas por Schwacke como *Strychnos castelneana* e *Anomospermum grandifolium* Eichler.⁹⁶

Nessa história do veneno curare, João Barbosa Rodrigues e João Baptista de Lacerda travaram intenso debate, como demonstra Romero Sá, a fim de descobrir qual planta era tóxica e qual seu antídoto. Louis Couty entra na história quando realiza com Baptista de Lacerda alguns experimentos sobre o curare. Após ler um resumo de uma conferência de Couty feita no Museu Nacional, Barbosa Rodrigues intervém publicamente para questionar algumas observações na fala de Couty e envia carta a *Gazeta de Notícias*. Dizia ele que por ter sido

um dos primeiros que trataram cientificamente deste tóxico no Brasil: tendo estudado, no lugar em que ele se fabrica, tudo quanto com ele tem relação, não posso deixar, a bem da ciência, de fazer algumas observações sobre o resumo da conferência do ilustrado Sr. Dr. Couty.⁹⁷

Interessante notar algumas características da fala de Barbosa que visam demonstrar legitimidade no que

⁹⁶ Sá, Magali Romero, op. cit., 2012, p. 14-15.

⁹⁷ *Gazeta de Notícias*, 4 set. 1880.

ele vai dizer, como por exemplo, o fato de ter ele *in loco* observado a preparação do curare entre os índios. Além disso, observar erros teria uma finalidade nobre, servia “a bem da ciência”. A finalidade de Barbosa em relação à preleção de Couty era demonstrar os erros que Couty teria emitido ao observar que os índios somente utilizavam o curare para a caça e “principalmente para pequenos animais”. Barbosa questionava isso e dizia que os indígenas usavam o curare para além da caça, mas também em combates “principalmente quando estes são dados para obter prisioneiros”. Couty asseverava que “as grandes flechas de arco” eram menos tóxicas do que se poderia supor. Sobre isso Barbosa notava que essas grandes flechas não era menos tóxicas, eram “completamente inofensivas pelo tóxico porque não há uma só tribo, quer brasileira, quer peruana que empregue o curare nas flechas de arco”. Segundo Barbosa, as flechas envenenadas pelo curare são aquelas lançadas pelo sopro ou pela força do braço. Outro erro apontado por Barbosa era ao fato de Couty ter dito que nas coleções do Museu Nacional não havia “nenhuma arma de guerra envenenada”. Para Barbosa havia sim e dizia ele sentir “profundamente que o Sr. Dr. Couty fosse mal informado a esse respeito, *ou que não tivesse um indivíduo conhecedor dos objetos que o mesmo museu possui, que melhor o informasse*”. O museu possui muitas armas de guerra envenenadas, “estão todas no salão 9, nos armários 6, 13, 14 e 15 e nos quatro ângulos da grade do centro da mesma sala formando troféus, como se pode verificar, como a poucos dias verifiquei”.⁹⁸

⁹⁸ *Gazeta de Notícias*, 4 set. 1880.

Em resposta a essas observações e acusações Louis Couty não se pronunciou, mas João Baptista de Lacerda sim. A resposta de Lacerda foi imediata, de chofre, ele rebateu as acusações direcionadas à Couty, mas que no fundo também mirava em Lacerda, posto que Barbosa ao dizer que Couty era mal informado, de que não havia um “indivíduo conhecedor” capaz de informar Couty, poderia ter se referido a Lacerda. O fato é que um debate longo foi retomado.⁹⁹

Sr. Redator, Colaborador do Dr. Couty em diversos trabalhos científicos, inclusive nos trabalhos muito recentes sobre o curare, compartilhando, portanto, a responsabilidade das opiniões por ele emitidas, quer nas conferencias do Museu, quer nos trabalhos já publicados na Europa, sou obrigado a dar uma resposta às arguições que lhe foram feitas em pequeno artigo publicado ontem no seu jornal.¹⁰⁰

Lacerda não dirige os seus argumentos diretamente a Barbosa, o texto todo ele estabelece um diálogo com o redator do jornal e indiretamente posiciona-se contrário ao que disse Barbosa Rodrigues. Além disso, não menciona se Couty o autorizou a emitir resposta em seu nome. Para Lacerda o que havia dito Barbosa Rodrigues era uma posição que se conformava com o pensamento dos “antigos autores”. Isto é, que o curare era muito empregado nas armas de guerra, e por isso “estranha que o Dr. Couty não adote essa opinião”. Lacerda utiliza o termo “antigos

⁹⁹ Sobre o debate entre Barbosa Rodrigues e Baptista de Lacerda Cf. SÁ, Magali Romero, op. cit., 2012.

¹⁰⁰ *Gazeta de Notícias*, 5 set. 1880.

autores” e com isso, se coloca imediatamente na parte dos novos autores. Assim, as ideias de Barboza Rodrigues não estavam condizentes com o que tinha de mais avançado na matéria dos estudos do curare.

O Dr. Couty não contesta que o curare possa ser empregado na guerra o que ele afirma, baseado nas coleções do Museu, é que o curare é empregado *principalmente* nas armas de caça, insistindo no uso que fazem constantemente os índios da zarabatana, o que parece não ser muito conhecido dos autores europeus, e além disso, fazendo ver que muitas armas citadas por Cl. Bernard como envenenadas não contêm veneno.¹⁰¹

João Baptista de Lacerda, por fim, pede que Barbosa Rodrigues examine melhor as vitrines onde estariam as armas de guerra dos índios antes de emitir qualquer parecer. O debate entre Barbosa Rodrigues e Louis Couty acabou sendo uma retomada de um debate mais antigo entre Barbosa e Lacerda. Os estudos sobre a ação fisiológica do curare foi tema caro à nascente fisiologia brasileira da década de 1870 e 1880. A grande questão por trás das investigações sobre o veneno de plantas e animais e sua ação no organismo, era saber se os efeitos tóxicos dos venenos das plantas e animais brasileiros eram semelhantes àqueles da Europa.¹⁰² Interessante destacar que os debates ganhavam forma através da publicação e veiculação na imprensa especializada ou não. É nesse momento de crescente pesquisa que será reivindicada a

¹⁰¹ *Gazeta de Notícias*, 5 set. 1880. [grifo do autor].

¹⁰² GOMES, Ana Vímieiro, op. cit., 2013, p. 26.

criação de um laboratório específico para as pesquisas fisiológicas.¹⁰³

2.6 “Uma nova época para a ciência no Brasil”: o Laboratório de Fisiologia Experimental

O novo laboratório ocupa dois vastos salões do pavimento térreo do Museu, separados por uma grande arcada. O salão da frente é iluminado por duas janelas e uma porta que dão para o campo da Aclamação, o salão do fundo comunica com um pátio central do edifício. O primeiro, destinado especialmente às experiências e vivisseções, é todo ladrilhado de mosaico e tem ao lado esquerdo um gabinete para uso particular dos diretores. Aí fica a mesa das experiências, outra coberta de mármore para as autópsias, uma mesa para os trabalhos de microscópio, os armários para os aparelhos e instrumentos e uma pequena biblioteca. [...] No salão do fundo fica o aquário, dividido em dois compartimentos, servindo cada um deles para conservar as rãs e outros animais aquáticos e dispostos de modo a poderem ser iluminados pela projeção da luz do gás. Do outro lado um vasto tanque de lavagem forrado de chumbo e servindo por três torneiras; uma mesa coberta de azulejo correspondendo a diversos bicos de gás, destinada a preparações químicas,

¹⁰³ GOMES, Ana Vimieiro, op. cit., 2013, p. 31. Segundo Ana Gomes, diante das limitações práticas encontradas no Museu Nacional para a realização de investigações fisiológicas, Louis Couty e João Baptista de Lacerda, “ao vislumbrarem as possibilidades de melhoria das suas pesquisas”, elaboraram um projeto e convenceram o Imperador e o Ministro da Agricultura dos benefícios de criação de um laboratório de fisiologia experimental para a ciência brasileira e para a divulgação dos produtos do Brasil no exterior.

evaporação de extratos etc., um armário para reativos químicos, vidro e outros utensílios e uma estufa a gás. Em outro ângulo do salão deve ficar um alambique para as destilações da água e do álcool.¹⁰⁴

Em detalhes era descrita as dependências do novo laboratório para o Império. Com “verdadeira satisfação” noticiava a *Gazeta de Notícias* a obra, revelando que o Laboratório de Fisiologia era “uma aspiração de há longo tempo manifestada pelas classes instruídas do país”, sobretudo porque preenchia “uma lacuna assaz sensível e lastimável no nosso sistema de ensino superior”. Enfatizava a folha que a inauguração do Laboratório de Fisiologia Experimental marcava “uma nova época para a ciência no Brasil”.¹⁰⁵

No processo de consolidação da ciência nacional, o Laboratório de Fisiologia Experimental anexo ao Museu Nacional deteve função importante em conjunto com as outras instituições que se modernizavam naquele momento. No século XIX a experimentação como modo de saber, diferente de um método baseado na observação, era relacionada a perspectivas analíticas de apreensão dos fenômenos naturais por meio da produção de situações não observáveis na jornada natural dos eventos da natureza.¹⁰⁶ Com isso, o objetivo da fisiologia, entendida como campo de saber, era estudar as funções orgânicas em um corpo vivo. Nesse momento a medicina

¹⁰⁴ *Gazeta de Notícias*, 2 abr. 1880.

¹⁰⁵ *Gazeta de Notícias*, 2 abr. 1880.

¹⁰⁶ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 13.

desvinculava-se da anatomia clássica e adquiria status de experimental: praticada, sobretudo, em um laboratório.¹⁰⁷

O trabalho de convencimento da necessidade do laboratório foi processual. Em 1879, um ano antes da fundação do laboratório, Louis Couty procurava justificar a requisição do novo laboratório clamando pelos benefícios que teria. Dizia Couty que o laboratório “não será um gabinete de estudos simplesmente científicos, senão uma oficina de experimentação, de observação e de rigoroso exame dos males que perseguem as plantas econômicas do país”.¹⁰⁸ Couty estava indo de encontro às atribuições que o Museu Nacional passou a ter quando de sua subordinação ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 1868. Era importante conciliar os interesses e ações da ciência com a produção agrícola do país.¹⁰⁹ Além disso, é interessante notar que Couty em seu artigo na *Revista Brasileira* colocava ênfase em seu argumento prol a criação de laboratório, posto que “o Brasil possui importantes escolas”, mas elas são “meramente pedagógicas ou de aplicação; não possuem dos laboratórios ou centros de experiência”, lugares onde o professor “pode não só provar e verificar o que ensina, mas ainda

¹⁰⁷ Cf. GUALTIERI, Regina, op. cit., 2008. GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013. EDLER, Flávio. “O debate em torno da medicina experimental no segundo reinado”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 3, n. 2, p. 284-299, jul./out. 1996.

¹⁰⁸ “Ofício apresentando o relatório do Dr. L. Couty sobre o novo Laboratório de Fisiologia do Museu”. In: Livro de Correspondência Interna do Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1879.

¹⁰⁹ GUALTIERI, Regina, op. cit., 2008, p. 32. Ao Museu Nacional caberia, a partir de 1868, realizar atividades científicas que visassem à melhoria da produção e qualidade do produto agrícola nacional.

estender quanto possível os limites do ensino”.¹¹⁰ Houve um trabalho de convencimento das necessidades de um laboratório como o de fisiologia. Podemos apreender disso que o Imperador Pedro II teria oferecido a Couty tal laboratório, mas que ele precisaria exercer um esforço de convencer os pares e o público da utilidade do Laboratório de Fisiologia. A legitimação do Laboratório de Fisiologia Experimental se daria com a interação de intenções científicas com interesses nacionais, ou seja, o interesse macro era aliar conhecimento científico na melhora e aperfeiçoamento dos produtos agrícolas.¹¹¹

Uma análise do regimento interno do Laboratório de Fisiologia mostra algumas atribuições que deveriam ser cumpridas como a de “proporcionar todas as facilidades ao conhecimento e estudo de substâncias de utilidade real”. Nesse sentido, a esfera de atuação do Laboratório compreenderia, de acordo com o Art. 2º, “não só o estudo das substâncias tóxicas medicamentosas ou alimentares, como todas as questões que interessarem a higiene, a patologia e a climatologia”. O escopo do Laboratório era amplo, englobando as necessidades do Império, mostrando-se, de acordo com o 4º Art., a serviço da ciência nacional. Na composição do quadro de funcionários, Louis Couty era o diretor, Baptista de Lacerda o subdiretor e o Laboratório contaria com um preparador e dois praticantes. Além disso, contaria com uma biblioteca. Ao diretor e subdiretor caberia a função, também, de ministrar conferências públicas sobre “os assuntos de

¹¹⁰ COUTY, Louis. “Os estudos experimentais no Brasil”, op. cit., 1879, p. 217.

¹¹¹ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 35-36.

mais interesse tratados no Laboratório”. Sendo essas conferências anunciadas na imprensa e realizadas no edifício do Museu Nacional. O diretor ficava responsável pela apresentação anual de um relatório entregue ao Ministério da Agricultura.¹¹²

Tencionou naquele momento tornar relevante a ciência experimental e o ensino médico prático, em contraposição ao conhecimento especulativo e livresco, que segundo os defensores do método experimental, predominava no ambiente médico brasileiro. Nesse momento, uma “nova elite médica” mobilizou-se em defesa da reforma do ensino nas faculdades de medicina do Império. Essa defesa de reforma, fundamentada no modelo germânico, valorizava o modelo prático vinculado aos laboratórios.¹¹³ Foi em consonância com essas transformações que a fisiologia experimental adquiriu destaque para a ciência brasileira. Portanto foi nesse momento que se viabilizou a criação do Laboratório de Fisiologia Experimental do Museu Nacional, com incentivos financeiros do governo imperial e gerido pelo Ministério da Agricultura.¹¹⁴

O trânsito de cientistas de outras instituições era comum no Laboratório, além de ser o estabelecimento espaço público para tal finalidade como indica o Art. 4º do regimento interno. Eram vários os “estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro” que “se utilizaram

¹¹² *Ministério da Agricultura*. Relatório apresentado à Assembleia Geral Legislativa na 1ª Sessão a 18ª Legislatura, 1881.

¹¹³ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 15. Para uma visão do debate, de uma guerra de discursos, entre os adeptos do método experimental com os adeptos da observação Cf. EDLER, Flavio Coelho, op. cit., 1996.

¹¹⁴ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 15.

dos aparelhos de que dispõe o Laboratório para estudar experimentalmente assuntos de suas teses”. Ademais, era frequente também a visita de “vários médicos nacionais e estrangeiros, alguns dos quais acompanharam com interesse as experiências ali iniciadas”.¹¹⁵ A atuação de Louis Couty foi fundamental nesse momento de introdução do saber fisiológico e consolidação da ciência nacional. Com efeito, é interessante notar que o saber fisiológico entrou em voga naquele momento e Couty era uma referência no assunto. Diante disso, especulou em 1881, já com o Laboratório de Fisiologia do Museu Nacional em funcionamento, o nome de Couty para dirigir também um laboratório similar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. No relatório enviado ao Ministério do Império, o diretor da Faculdade de Medicina, Conselheiro Vicente Candido Figueira de Saboia, solicitava a criação de um laboratório de fisiologia e a necessidade de contratar um cientista capaz de por em práticas os experimentos. Para tal necessidade o nome de Couty foi cogitado.¹¹⁶ Louis Couty teria apenas auxiliado na compra de equipamentos para esse novo laboratório de fisiologia experimental da Faculdade de Medicina.¹¹⁷ Contudo, como demonstra o relatório ministerial de 1883, publicado em 1884, a frequência dos estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro era grande no estabelecimento dirigido por Couty. Assim, tudo indica que naquele ínterim de anos o

¹¹⁵ *Ministério da Agricultura*. Relatório apresentado à Assembleia Geral na 4ª Sessão da 18ª Legislatura, 1883.

¹¹⁶ *Ministério do Império*. Relatório Apresentado à Assembleia Geral Legislativa. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1882.

¹¹⁷ *Gazeta de Notícias*, 21 dez. 1881.

desejado laboratório de fisiologia da Faculdade de Medicina não logrou êxito.

Os principais temas de pesquisa do Laboratório de Fisiologia do Museu Nacional atendiam a alguns interesses da medicina, da agricultura, do comércio e da economia nacional, ao mesmo tempo em que, ao seguirem os modelos europeus de ciência, contribuíam para a fisiologia da época.¹¹⁸ O vínculo administrativo ao Ministério da Agricultura é sintomático da ação que se pretendia ter o Laboratório de Fisiologia. Por isso, eram solicitadas ao diretor Couty investigações sobre os produtos brasileiros e suas potencialidades fisiológicas e mercadológicas. A comissão científica de 1881, dirigida por Louis Couty, levou à Europa os resultados obtidos após várias expedições, empreendidas por Couty e sua comissão, nas regiões sul e sudeste do Império. O resultado dessas viagens científicas resultou no relatório de propaganda do mate, café e carne seca.¹¹⁹

Para além da aplicação prática dos resultados das pesquisas para variados setores da sociedade, podemos compreender nesse aspecto um movimento de legitimação para a criação do Laboratório de Fisiologia Experimental no Museu Nacional, quiçá o mais importante

¹¹⁸ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 15. Nesse cenário o Laboratório de Fisiologia, através das atribuições e da ação dos cientistas que o compunha, construía sua relevância pretendendo-se indispensável para alguns setores da sociedade brasileira (Idem, p. 36).

¹¹⁹ As pesquisas realizadas e os resultados obtidos foram publicados em anexo no Relatório do Ministério da Agricultura de 1881. Logo em seguida o relatório foi publicado em formato de livro com o título: *Propaganda na Europa do Mate, do Café e da Carne Seca*. Por Dr. Luiz Couty e Engenheiros Luiz Goffredo de Escagnolle Taunay e Augusto Carlos da Silva Telles.

para o governo imperial. Neste caso, “os recursos naturais brasileiros e, de certa forma, o Brasil, por meio da ciência, poder ganhar notoriedade na Europa, no círculo de países civilizados”.¹²⁰ Nessa dimensão de consolidação da ciência nacional, sendo a inserção do Laboratório, a atuação de Couty e de outros cientistas um aspecto desse processo, a ciência pode ser apreendida como um agente que ao operar a natureza bruta nacional, transformaria qualificando-as ao sabor do mercado europeu. O Brasil encontrava-se, no entendimento de Couty, em uma “fase de transição em que os estudos puramente teóricos e especulativos se tornam práticos e experimentais”. A meta era “encurtar o mais possível essa fase de transição” para que o país alcance o desenvolvimento que almejava. Estabelecidos os estudos experimentais com o laboratório, era o momento de resolver “tão numerosas e importantes questões, quase peculiares do Brasil, e, ao resolvê-las, constituir a ciência do Brasil”.¹²¹ Por isso era importante e necessário “fundar laboratórios, centros de experiência largamente providos de todos os meios de pesquisa e de todos os instrumentos de investigação” para que o país ultrapassasse essa fase transitória na qual se encontrava.¹²² Com o laboratório, os problemas brasileiros seriam resolvidos por sábios brasileiros “ou aqui estabelecidos”. Desse modo, não caberia tratar “os problemas brasileiros com conclusões deduzidas na Europa”.¹²³ A originalidade

¹²⁰ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 37.

¹²¹ COUTY, Louis. “Os estudos experimentais no Brasil”, op. cit., 1879, p. 231.

¹²² Idem, p. 231.

¹²³ Idem, p. 228.

da produção científica nacional estaria na transformação das qualidades naturais pelos métodos importados, obtendo assim resultados novos, originais. A vulgarização das coisas do Brasil, que são escassas na Europa, através de investigações científicas rigorosas, seria uma das formas de contemplar esse objetivo.¹²⁴ Esse era o escopo que orientava as ações do governo imperial, não apenas dos cientistas, mas de todo um projeto de constituição de uma nação civilizada e moderna. A constituição do Laboratório de Fisiologia e as ações dos cientistas faziam parte de um escopo maior, havendo assim uma convergência de interesses, dos cientistas em ter seu lugar de ação e do governo em ter sua vontade atendida. Havia uma missão clara da ciência, mas é importante pensar a ciência não de modo uno, mas diversificado, na medida em que quem faz a ciência são os cientistas e as comunidades científicas com seus variados interesses e causas. Louis Couty atuou nesse contexto de forma ativa como demonstra o lastro documental de suas ações na ciência do império.

2.6.1 Os equipamentos e a biblioteca do laboratório

O Laboratório de Fisiologia de Couty requeria constantemente equipamentos para as atividades laboratoriais que Couty e sua equipe empreendiam. Nesse processo de compras de equipamentos notamos a dinâmica que o laboratório teve nos anos de Couty como diretor. Em junho de 1880 um ofício do Museu Nacional requeria

¹²⁴ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 38-39.

“despacho livre na Alfandega da Corte para três caixas vindas de França pelo vapor ‘Belgrano’”. A solicitação era para novos instrumentos do Laboratório de Fisiologia. Nas caixas encontrava-se a marca L. C. n. 2543,2544 e 2545, possivelmente as iniciais de Louis Couty.¹²⁵

A lista de alguns equipamentos pode ser encontrada no relatório do diretor do Museu Nacional anexo ao relatório do Ministério da Agricultura do ano de 1881. Nele constavam os seguintes instrumentos: escalpelos, tesouras e pinças, aparelhos registradores de Marey, aparelhos de respiração artificial, aparelhos elétricos e óticos, máquina para extração dos gases do sangue, frascos do sistema Pasteur para a cultura de micróbios, aparelhos para análise química da urina e para a análise espectral do sangue. Além de ter sido adquirida uma balança do sistema Bascule para pesagem rigorosa de animais. Havia sido encomendada também uma estufa de grandes dimensões e sendo esperado um motor de gás, de força de 2 cavalos, para mover aparelhos de respiração artificial, e um grande aparelho de resfriamento, destinado aos estudos das questões relativas ao clima. Com a chegada desses novos instrumentos seria possível compensar o Laboratório de Biologia Industrial, já que teria havido empréstimos e trocas entre os laboratórios.¹²⁶ Um ofício interno do Museu Nacional de setembro de 1881, recomendava que Louis Couty zelasse pela troca a fim de que

¹²⁵ “Ofício requisitando despacho livre na Alfandega da Corte para três caixas vindas de França pelo vapor ‘Belgrano’”. Livro de Correspondência Interna do Museu Nacional do Rio de Janeiro, 15 jun. 1880.

¹²⁶ *Ministério da Agricultura*. Relatório apresentado a Assembleia Geral na 2ª Sessão da 18ª Legislatura. 1881, p. 63.

o Museu Nacional fosse compensado caso o Laboratório de Fisiologia recebesse objeto de valor inferior.¹²⁷

Louis Couty atuou tanto no Laboratório de Fisiologia Experimental, quanto no Laboratório de Biologia Industrial de modo que não podemos fazer uma diferenciação clara, por exemplo, se ele estava agindo em função do Laboratório de Biologia em determinada solicitação ou do Laboratório de Fisiologia. Isto é, nas missões para o Laboratório de Biologia Industrial colhia dados e para em seguida serem experimentados, por exemplo, no Laboratório de Fisiologia Experimental.

A biblioteca do Laboratório de Fisiologia Experimental é reveladora dos interesses de Louis Couty pela obra de Herbert Spencer (1820-1903). Sobretudo, porque entre os livros técnicos, destinados ao tema privilegiado do laboratório, encontravam obra de caráter geral, que abrangiam temas como desenvolvimento da indústria, sociologia, agricultura e fotografia. Entre os vários títulos, apareciam as obras de Spencer: *Le première principes*, *Principes de biologie* e *Principes de sociologie*, indicando a aproximação de Couty com as teorias evolutivas e ideais do social-darwinismo em voga no período.¹²⁸

2.6.2 Uma descoberta que colocou o Laboratório no centro do mundo

Continuou só [João Baptista de Lacerda] as investigações sobre o veneno ofídico *que havíamos*

¹²⁷ “Ofício sobre troca de aparelhos e instrumentos dos Laboratórios de Biologia Industrial da Escola Politécnica e Fisiologia deste Museu”. Livro de Correspondência Interna do Museu Nacional do Rio de Janeiro. 13 set. 1881.

¹²⁸ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 49.

começado juntos. Em sua opinião, o veneno das cobras é um líquido digestivo análogo ao suco pancreático e pode ser neutralizado por um agente químico: o permanganato de potássio.¹²⁹

No trecho acima Louis Couty indica a descoberta que Baptista de Lacerda realizou nas dependências do Laboratório de Fisiologia. Descoberta que na memória de Lacerda foi o ponto alto do Laboratório. Dizia Lacerda que do Laboratório de Fisiologia Experimental saíram trabalhos importantes para a Academia das Ciências de Paris, memórias de valor para revistas e jornais estrangeiros e uma descoberta, que fez convergir para o Brasil a atenção do mundo civilizado.¹³⁰ A descoberta que chamou atenção do mundo civilizado foi a ação do *permanganato de potássio* sobre o veneno das picadas de cobra, que se pretendia ser a solução para o mal. De fato a repercussão do antídoto contra picadas de cobra foi grande e o entusiasmo com a descoberta pode ser resumindo no que disse Ladislau Netto:

Cabe lugar de honra, entre as investigações científicas, ao notável descobrimento feito pelo Dr. João Baptista de Lacerda, subdiretor da 1ª seção e do Laboratório de Fisiologia Experimental anexo a este Museu. Refiro-me ao único antídoto até hoje conhecido para a peçonha das cobras venenosas. Este antídoto é o permanganato de potássio, não o achou casual ou empiricamente o Dr. Lacerda:

¹²⁹ COUTY, Louis. "Laboratorio de Physiologia Experimental". In: Anexos. *Ministério da Agricultura*. 1882, s/p. [grifo nosso].

¹³⁰ Citado por: GUALTIERI, Regina, op. cit., 2008, p. 43.

descobriu-o por meio de trabalhos reiterados e esclarecidos pelas mais detidas observações. [...] ¹³¹

Para testar a descoberta foram realizadas:

Numerosas experiências repetidas no Museu perante centenas de profissionais, e desde então verificadas por toda a parte em que os casos se apresentam a reclamar o providencial antídoto; a imprensa nacional e estrangeira a preconizar o admirável descobrimento e a ciência inteira a aplaudir o autor que a humanidade dentro em pouco cobrirá de bênçãos, eis o que está no domínio público e o que o Governo Imperial na sua alta sabedoria deve mostrar que conhece e aprecia no devido valor, galardoando aquele benemérito brasileiro, a quem galardoam já os aplausos do universo. ¹³²

No calor da descoberta, sob o conselho do Imperador, Lacerda redigiu uma nota sobre seus resultados, sendo esta apresentada à Academia de Ciência de Paris por Quatrefages. ¹³³ A repercussão da descoberta nos quatro cantos do Império também foi grande. Afinal, a cura da peçonha de cobras era a solução para um mal que assolava todas as partes do mundo. ¹³⁴

¹³¹ NETTO, Ladislau. “Relatório do Museu Nacional”. In: *Anexos ao Relatório do Ministério da Agricultura*. Apresentado à Assembleia Geral Legislativa na 1ª Sessão da 18ª Legislatura, 1881.

¹³² NETTO, Ladislau, op. cit., 1881.

¹³³ GUALTIERI, Regina, op. cit., 2008, p. 43

¹³⁴ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 109-111. Segundo Gomes, o entusiasmo com a descoberta foi ainda maior diante da notícia de que o governo de Bombaim na Índia havia reservado uma premiação, de 100 mil libras, àquele que descobrisse um antídoto eficaz contra a picada de cobras (Idem, p. 110).

Como sublinhamos no trecho que Couty relata a descoberta, as investigações científicas contra a peçonha de cobras teve em seu início a parceria entre Couty e Lacerda. Ausente no momento da apresentação da descoberta, sobretudo ausente na publicação e divulgação da descoberta, Couty fez realizar uma contraprova publicada na França que questionava a eficácia do *permanganato de potássio* como antídoto. Os resultados de Lacerda haviam sido publicados na França por intermédio do médico francês Jean Louis Armand de Quatrefages. Em seguida, a comunicação foi refutada pelo fisiologista francês Alfred Vulpian e por Couty. Com essa reação de Couty, fez surgir uma cisão entre ele e Lacerda.¹³⁵

2.7 O *noli me tangere* dos cientistas

A cisão entre Couty e Lacerda, decorrente do que teria sido o ápice da fisiologia brasileira no século XIX, continuou em debate até 1884 ganhando com força as páginas dos jornais. Em carta, Lacerda rebatia um suposto artigo de Couty, posto que dizia ele: “Ignoro se é da lavra do Sr. Dr. L. Couty o artigo publicado na *Revue Commerciale, Financière et Maritime*”. Mesmo sem saber se era ou não Couty, “se não é, nada tenho que responder;

¹³⁵ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 115-116. Segundo Gomes, a imprensa criticou a postura de Couty por ter mostrado discordância na Academia de Ciências de Paris. Como resposta Couty disse ter se posicionado contrários aos resultados para defender sua “dignidade e créditos de experimentador”. Em resposta, Lacerda, considerou Couty com um “ex-colaborador”, posto que questões de personalidade afrouxaram o relacionamento (Idem, p. 116).

se é, que se apresente o Sr. Dr. L. Couty de viseira erguida, porque desejo muito analisar os *relevantes* serviços prestados por este senhor ao Brasil”.¹³⁶

No correr do texto o debate acerca da descoberta do antídoto da peçonha de cobras é reativado e Lacerda classificou o comportamento de Couty de “desleal”. No final do artigo Lacerda refere-se à entrada de Couty no Brasil como sendo feita “por um caminho torto”, mas não revela qual esse caminho.¹³⁷

Um artigo na *Gazeta de Notícias* que tratava de assuntos da ciência comentou a contenda envolvendo Couty e Lacerda. Dizia o texto que em boa hora se descobria o bacilo da cólera, porém “um fermento diverso” estava desenvolvendo na classe médica brasileira. Esse fermento era a guerra entre Couty e Lacerda que ganhava as páginas dos jornais “de maior circulação” do Império.

Agora, é o Dr. Lacerda que investe furioso contra o Dr. Couty, e o motivo da rixa prevê-se: é o permanganato de potássio, que afinal de contas, se está considerando uma neutralizante [sic] reconhecidamente útil contra a peçonha das cobras, e quem sabe se contra alguma dentada humana, é por outro lado o *noli me tangere* do distinto experimentador brasileiro.¹³⁸

Esse momento das discussões entre os cientistas marcou o declínio na época da fisiologia experimental como atesta a historiografia do assunto, sobretudo porque

¹³⁶ *Gazeta de Notícias*, 21 ago. 1884.

¹³⁷ Idem.

¹³⁸ *Gazeta de Notícias*, 15 out. 1884.

meses depois desse debate Couty faleceria e Lacerda partiria para novos experimentos envolvendo a microbiologia, que ganhava repercussão dos estudos de Louis Pasteur sobre fermentos e a teoria microbiana.¹³⁹

2.8 Querelas internas entre o diretor geral do Museu Nacional e o diretor do Laboratório de Fisiologia Experimental

Os investigadores da ciência deverão ter toda a liberdade de ação e iniciativa, que eles não sejam contrariados “em seus programas de ensino, nem nos planos de experiência, na *a fortiori* na direção intima dos laboratórios, por meio de regulamentos ou de fiscalizações tão nocivas neste caso, quanto algumas vezes são úteis no ensino dogmático”[sic].¹⁴⁰ Sublinhamos a importância do primeiro artigo de Couty na *Revista Brasileira*, nele, como notamos acima, Couty expõe o que ele entende como deve ser a ação do homem de ciência, sem fiscalizações “nocivas” que poderiam atrasar pesquisas e resultados. A única fiscalização verdadeira em seu entendimento seria exercida pelo “público ilustrado”. Esse público melhor que ninguém “saberá distinguir o verdadeiro do falso, a

¹³⁹ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 120-122. Ana Gomes trata do assunto com acuidade e sugere como fim dos trabalhos de fisiologia experimental a crise decorrente do que teria sido o ponto mais alto do Laboratório de Fisiologia Experimental: a descoberta do antídoto contra a picada de cobras.

¹⁴⁰ COUTY, Louis. “Os estudos experimentais no Brasil”, op. cit., 1879, p. 235.

profundeza da superficialidade, e eliminar das grandes lutas as questões sem importância”.¹⁴¹

No Laboratório de Fisiologia, Couty procurou seguir o que ele propôs no artigo de 1879, como dizia ele ter “deixado ao pessoal a mais ampla liberdade de ação”, em decorrência desse ato dizia ser “numerosos os trabalhos produzidos”.¹⁴² Por isso, cabe ressaltar que esse artigo pode ser entendido como um projeto que ele elaborou, apresentou ao grande público ilustrado do Império e, sobretudo, procurou executar. Contudo, essa liberdade posta em prática por ele custou alguns atritos internos com o diretor geral Ladislau Netto.

O início da querela entre Couty e Ladislau Netto deu-se com a solicitação do diretor do Museu Nacional junto ao Ministério da Agricultura, sem consultar Couty, para que mudasse o lugar de armazenamento dos animais, que eram utilizados nas investigações. Ladislau Netto alegava que o salão ocupado pelos animais do Laboratório de Fisiologia não pertencia a este laboratório e exigia que o espaço fosse destinado às coleções do Museu. Havia, também, queixas sobre as condições higiênicas dos animais. Diante disso, Couty reagiu classificando a situação de arbitrária.¹⁴³

Outra controvérsia entre Couty e o diretor geral deu-se em relação ao que Ladislau Netto classificou de “desrespeito do que prescreve a lei orgânica” do Museu

¹⁴¹ COUTY, Louis. “Os estudos experimentais no Brasil”, op. cit., 1879, p. 235.

¹⁴² COUTY, Louis. “Laboratorio de Physiologia Experimental”. In: *Anexos ao Relatório do Ministério da Agricultura*. 1882, s/p.

¹⁴³ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 53.

Nacional, que se tratava do fato de Couty ter dado aos seus funcionários “o período de um mês para o fim do ano” e não os treze dias de férias regulamentados. Este ocorrido levou Ladislau Netto a enviar ofício ao Ministro da Agricultura denunciando esta irregularidade. No ofício Netto asseverava que oficiou Couty de sua “arbitrariedade” chamando-o ao “cumprimento do seu dever”. Para tanto, Netto enviou a Couty “um exemplar impresso do regimento interno do Museu” para que tomasse conhecimento da irregularidade. Ladislau Netto recorre ao histórico de arbitrariedades que Couty, segundo ele, cometeu, como a que ocorreu entre os anos de 1880 e 1881 quando Couty não teria repassado a “sobra que houve na verba do laboratório”, num total de dois contos de reis.¹⁴⁴ Para resolver a contenda, Couty foi convocado, em janeiro de 1883, por ordem do ministro da agricultura.¹⁴⁵

Em sua defesa, Couty reclamou no Ministério da Agricultura, a necessidade da autonomia do Laboratório de Fisiologia. E sobre o mau uso da verba, Couty, asseverou que bastava apresentar ao Ministério da Agricultura a prestação de contas através das faturas quitadas e dos recibos dos instrumentos adquiridos na França.¹⁴⁶ Interessante notar que no relatório do laboratório para os anos de 1880 e 1881, ou seja, antes de Netto questionar o não

¹⁴⁴ Maço 189 – Doc. 8558: Ofício do diretor geral do Museu Nacional, Ladislau Netto, ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. 1883. Arquivo da Casa Imperial.

¹⁴⁵ Maço 189 – Doc. 8558: Ofício de José Agostinho Moreira Guimarães, Barão de Guimarães, ao diretor do Laboratório de Fisiologia Experimental do Museu Nacional, Louis Couty – Convocando-o, por ordem do ministro.

¹⁴⁶ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 53.

repassa da verba, Couty relatava que “um saldo que ficou da verba de 1880-1881 foi há pouco remetido para a Europa, a fim de ser pagas outras encomendas já feitas”.¹⁴⁷

Esses atritos entre o diretor do Laboratório de Fisiologia e o diretor Geral do Museu Nacional revelam a luta pela autonomia e liberdade de ação que Couty apregoeou no seu artigo na *Revista Brasileira* e procurou por em prática em suas atividades no Laboratório.

A relação próxima de Couty com o Imperador fica sublinhada nessas querelas internas, sobretudo no conflito aberto entre Couty e Netto. Uma vez que Netto externou publicamente na imprensa seus descontentamentos com o vínculo administrativo entre o Laboratório e o Museu. Nesse cenário de disputas, Couty não mensurou esforços a fim de conquistar a autonomia desejada. Para tanto, em 1883, numa carta a Pedro II, expressava a necessidade da autonomia orçamentária para o andamento dos trabalhos que vinham sendo realizados no Laboratório de Fisiologia. E que, caso não fosse atendido em suas reivindicações ameaçava abdicar do cargo e rumar de volta à França onde seria bem recebido por Vulpian.¹⁴⁸ Além disso, para corroborar o argumento de mais autonomia de Couty e reforço de seu capital científico, em 1881 ele já havia recebido e recusado convite para retornar a França como professor de fisiologia experimental na Faculdade de Medicina em Montpellier. Sendo esse fato muito elogiado na imprensa, com efeito, dizia a *Gazeta de Notícias* que “tão nobre o procedimento do jovem

¹⁴⁷ COUTY, Louis. “Laboratorio de Physiologia Experimental”. In: Anexos ao Relatório do *Ministério da Agricultura*. 1882, s/p.

¹⁴⁸ GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 136.

e ilustrado professor não pode deixar de merecer as simpatias e os reconhecimentos dos brasileiros”.¹⁴⁹ Além disso, cabe ressaltar que Couty não recebia nenhuma remuneração para o cargo que ocupou no Laboratório de Fisiologia.¹⁵⁰ Bastando-se financeiramente com o ordenado que recebia da Escola Politécnica. Entendemos que o Laboratório era menina dos olhos de Couty, era nele que ele aplicava seus conhecimentos de fisiologista e poderia se equiparar aos grandes nomes da área que pavimentaram sua contratação junto ao governo imperial.

Em carta ao Imperador dizia Couty: “Meu laboratório, sobretudo, e sua instalação que eu devo e eu sei a vossa Majestade, causaram a surpresa dos cientistas da Europa, habituados talvez a menos lentidão, mas também a menos generosidade”.¹⁵¹ Esta carta é o maior indício do que foi para Couty o seu Laboratório e da íntima proteção que recebia do Imperador. Suas ações na ciência brasileira de final dos oitocentos estreitou com sólidos laços a produção científica brasileira com a francesa, tornando ele um mediador cultural, como atesta Ana Gomes para a esfera científica. Nesse aspecto, Couty com seus contatos na França estabelecia a conexão da produção do Laboratório com as revistas especializadas da Europa. Com efeito, de acordo com informações do relatório de Couty, Manoel Sallas (preparador do laboratório) e

¹⁴⁹ *Gazeta de Notícias*, 16 mar. 1881.

¹⁵⁰ *Ministério da Agricultura*. Relatório apresentado à Assembleia Geral na 4ª Sessão da 18ª Legislatura. 1883, p. 75.

¹⁵¹ Maço 185 – Doc. 8416. Cartas de Couty a D. Pedro II apud GOMES, Ana Carolina Vimieiro, op. cit., 2013, p. 136.

Ribeiro Guimarães (assistente do laboratório) publicaram resultados de experiências “sobre a influência do calor solar” no *Boletim da Sociedade de Biologia de Paris*. Couty ao finalizar seu relatório enviado ao Ministério da Agricultura destacava a grande quantidade de trabalhos que, em tão recente prazo, o Laboratório realizou e, em nome dos trabalhadores do Laboratório pedia que continuasse “a auxiliar com sua benevolente proteção estes esforços úteis ao país”.¹⁵²

Podemos recorrer ao que disse, em 1891, Pedro II, quando se referia aos trabalhos de Couty e seu amplo reconhecimento, dizia: “O que aí fez o Dr. Couty tornou esse estabelecimento [Museu Nacional] conhecido na Europa”. Com esse trecho, podemos notar que existiu entre Couty e Pedro II um elo de recíprocas trocas de defesa dos interesses de ambos. Reforçando isso, em uma dessas defesas, Couty vai agir além dos seus Laboratórios, vai defender a imagem do país, numa defesa íntima do Imperador, que seria para Couty, o primeiro “abolicionista do Império”.

2.9 Internacionalização do abolicionismo brasileiro: o debate entre Louis Couty e Victor Schoelcher sobre a Lei do Ventre Livre de 1871

Nas décadas de 1870 e 1880 a imprensa assumiu papel de vetor das críticas às instituições imperiais ao

¹⁵² COUTY, Louis. “Laboratório de Physiologia Experimental”. In: Anexos ao Relatório do Ministério da Agricultura. 1882, s/p.

mesmo tempo em que a agitação revelava o aprofundamento das contradições da sociedade brasileira e despertava o interesse por reformas, que começavam a serem propostas e discutidas. Tais discussões eram pontilhadas pelas questões que revelavam o enfraquecimento das instituições imperiais como a questão da mão de obra, com as lutas em torno de algumas reformas de que dependia seu andamento, a liberdade do ventre, a da liberdade dos sexagenários e Abolição por fim; a questão religiosa, a questão eleitoral, a questão federativa, a questão militar, a questão do próprio regime, como coroamento do processo de mudança institucional. Questões e “reformas refletiam-se na imprensa, naturalmente, e esta ampliava a sua influência, ganha nova fisionomia, progredia tecnicamente, generalizava seus efeitos – espalhava o quadro que o país apresentava”.¹⁵³

Para além do Laboratório de Fisiologia Experimental e da cadeira de Biologia Industrial, foi este o ambiente que Louis Couty encontrou no Brasil. Várias questões davam o tom do que se passava no Império. Louis Couty foi um indivíduo de vários contextos, não se limitando ao ramo científico, foi além e subsidiou uma defesa veemente da imagem do país no estrangeiro. Dentre as questões citadas acima a que ele mais deteve atenção foi a questão servil, ou como preferia: *problema da mão de obra*. A questão da mão de obra, sumariamente, envolvia as discussões sobre o fim do trabalho escravo e a utiliza-

¹⁵³ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1983, p. 223.

ção do trabalho livre do imigrante europeu, porém havia algo mais profundo, um debate sobre a organização da sociedade, sobre o futuro povo brasileiro.

Desse modo, alguns episódios e processos da história do Império permeiam o discurso de Louis Couty. Como sua inserção na constituição de um saber novo na ciência nacional que se consolidava, nesse sentido era ele parte do processo de introdução da fisiologia experimental. A condução e conceitualização da ideia de Biologia Industrial, que ele realizou na Escola Politécnica. Em outro momento teve como frente o movimento de vulgarização da ciência. Outro momento importante corresponde ao fomento de novos produtos para serem comercializados no mercado Europeu, como a erva mate, a carne seca. Esses novos produtos passariam pelo crivo da ciência e em seguida pela aceitação no mercado europeu. Houve com isso um esforço de vender novas possibilidades do país. Nesse âmbito, entendemos Couty como um mediador de uma nova imagem do país que se pretendia vender no exterior. Outro aspecto da inserção de Couty prioritários para essa pesquisa está relacionado ao modo de como ele encarou questões tão caras em seu momento, isto é, a questão da mão de obra com suas interfaces: escravidão, trabalhador nacional livre, imigração. No que se refere às questões da escravidão, sua intervenção contundente deu-se em 1881 quando combateu as ideias que para ele visavam desmerecer a força da Lei do Ventre Livre (1871) e a imagem do Imperador. Era o início do debate entre Louis Couty e Victor Schoelcher.

O abolicionista francês Victor Schoelcher¹⁵⁴ (1804-1893), notório nome mundial da causa abolicionista, com uma vasta publicação de livros sobre a escravidão em colônias francesas e inglesas, fez a público um pronunciamento em que fazia severas críticas à Lei do Ventre Livre (1871) brasileira. Sua fala ocorreu na sala do Grande Oriente de França durante um banquete na presença de personalidades francesas e estrangeiras. Nesse discurso, Schoelcher dizia que no Brasil “o ato de abolição de 1871” era “uma grosseira mentira”. E continuava notando que a obra de 1871 proclama:

Que o filho de uma escrava é declarado livre, mas com a condição de permanecer sob absoluta dependência do proprietário de sua mãe até a idade de 22 anos. Quando pensamos que não existem menos de 1.500.000 escravos no Brasil, percebemos que, se nos limitássemos a este decreto, este país não estaria purificado antes de decorridos dois séculos. *O Imperador do Brasil, que todos dizem ser um homem liberal, deve sentir uma cruel humilhação por ser o único soberano do mundo civilizado que continua a reinar sobre escravos.*¹⁵⁵

¹⁵⁴ DALE, Tomich. “Pensando o ‘impensável’: Victor Schoelcher e o Haiti”. In: *Mana*; v. 15, n. 1, Rio de Janeiro abril de 2009, p. 194. Schoelcher foi filho de um fabricante de porcelanas que recebeu do seu pai a missão de uma viagem de negócios no México, Flórida, Louisiana e Cuba em 1829 – 1830. Nessa viagem Schoelcher deparou-se com a realidade da escravidão no Novo Mundo descobrindo desde então a causa que dedicou pelo resto de sua vida. Depois dessa viagem publicou *Lettres de Mexique*, das quais a quarta carta era intitulada “Des noirs”. Dizia ele que a escravidão era “uma cena dolorosa que nunca deixará minha lembrança”, apud op. cit., p. 195.

¹⁵⁵ SCHOELCHER, Victor. “Discurso do Sr. Schoelcher”. Anexo. In: COUTY, Louis. *A escravidão no Brasil*. Tradução: Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988, p. 114-115. [grifo nosso].

Um golpe duro abateu o Monarca cidadão e seu cientista apadrinhado. Nesse momento Louis Couty estava na França sob a incumbência do governo imperial e leu o pronunciamento de Schoelcher na imprensa, no *Le Temps*, saindo também no *La République Française*. Diante do ocorrido, Couty prontificou-se a escrever uma carta em que julgava trazer a Schoelcher “informações relativamente mais completas”.¹⁵⁶ Procurou esclarecer a situação, à sua maneira, em defesa dos interesses do Império, sobretudo do Imperador. Na carta Couty se colocava responsável por “estudar aqui as questões da mão de obra e do povoamento” e que, portanto, tinha “o dever de fornecer-lhe informações suplementares que modificarão, creio eu, as suas opiniões atuais, mostrando-lhe tudo quanto este país realizou em prol da supressão da escravidão”.¹⁵⁷

Interessante notar que o pronunciamento de Schoelcher ocorreu em 5 de maio de 1881 e Couty respondeu em carta no dia 7 de maio daquele ano. Foi de imediato sua resposta. Couty faz uma longa defesa do Império, diz ele que naquele momento “uma emancipação brusca” era impossível para o Brasil. Diferentemente da França, Inglaterra e América do Norte que pelos mais diversos motivos foram levados a suprimir a escravidão, mas que fizeram tal ato “sem pôr em risco a sua existência nacional ou sua evolução econômica”. No Brasil a causa era

¹⁵⁶ COUTY, Louis. *A escravidão no Brasil*. Tradução de Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988, p. 49. Este trecho da citação é a carta que Couty, com autorização de Schoelcher, colocou como prefácio de sua obra.

¹⁵⁷ COUTY, Louis, op. cit., 1988, p. 50.

outra, “toda a riqueza nacional e individual foi sempre baseada no trabalho escravo”. Nestes termos, dizia Couty que “suprimir bruscamente a escravidão significaria suprimir ou reduzir todas as produções importantes, e fazer secar as fontes da renda nacional ou individual”. Colocava uma pergunta claramente em defesa do Imperador: “pergunto ao Exmo. Sr. Senador se haverá um único estadista capaz de condenar o seu país a uma falência quase imediata e a uma completa convulsão[?]”.¹⁵⁸

Couty fez uma ampla defesa do Império, do Imperador e daqueles que queriam uma emancipação lenta e gradual. Mas o que motivou Couty a fazer tal ato? Defender um projeto pessoal que fora muito bem avaliado e patrocinado pelo imperador, alinhado ao projeto do Império para a ciência, sobretudo sua amizade com Pedro II, suas cartas pedindo intervenção em causas administrativas, eram aspectos que pesaram na decisão do jovem Couty em defender o Império e seus projetos. A repercussão da questão lhe garantiu, por um lado, o epíteto de amigo do Brasil, por outro lado um debate intenso com o movimento abolicionista que a partir do episódio Couty recrudesceu.

Essa controvérsia foi amplamente divulgada na imprensa brasileira. Após tratar da viagem de Couty na França a fim de ampliar o mercado dos produtos nacionais, a *Gazeta de Notícias* faz alusão ao debate envolvendo Couty e Shoelcher em Paris:

Ainda agora mesmo, durante a sua estada em Paris, ele sentiu-se obrigado a tomar a defesa do Brasil contra o venerando chefe dos antiescravagistas

¹⁵⁸ COUTY, Louis, op. cit., 1988, p. 50-51.

franceses, o Sr. Schoelcher, ao qual dirigiu uma carta, que seria em breve publicada com a resposta, aliás, dedicada e cheia de atenções, do mesmo Sr. Schoelcher.¹⁵⁹

Esse episódio motivou Couty a publicar um livro, *A escravidão no Brasil*, que trataria da escravidão no Brasil, no que seria uma resposta mais completa e uma defesa mais embasada do reinado de Pedro II. Este livro levou Couty a entrar em outros aspectos da realidade imperial: histórico e social. De um cientista empenhado no desenvolvimento da ciência nacional, que se empenhava em transformar e aprimorar os produtos brasileiros e, com isso, abrir novas possibilidades comerciais, Couty cutucou a ferida da escravidão em um momento que o movimento abolicionista se estruturava, trazendo para si toda uma crítica dos abolicionistas. Nesse contexto, as críticas às estruturas imperiais se acentuavam e as ideias reformistas ganhavam corpo. Era momento decisivo da história do Império do Brasil.

No livro, Couty estabelece uma análise que, entre outras questões, suavizava as relações escravistas vigentes no Brasil e classificava D. Pedro II como “o primeiro abolicionista brasileiro”,¹⁶⁰ empreendia uma interpretação totalizante que exemplificava a escravidão por acontecimentos que o mesmo presenciou. Como a narração de uma cena idílica entre senhores e escravos:

¹⁵⁹ *Gazeta de Notícias*, 11 jun. 1881. Essa notícia foi apurada a partir de uma carta que Couty enviou a João Baptista de Lacerda em 19 de maio de 1881, em que informava os passos da comissão científica que dirigia na Europa.

¹⁶⁰ COUTY, Louis, op. cit., 1988, p. 49.

Meu anfitrião chegou, seguindo de bandejas de frutas e de refrescos e pôs-se a preparar um magnífico abacaxi. Quase imediatamente, uma nuvem de rostinhos negros, mais ou menos esperotos, de todas as idades, entre 5 a 12 anos, veio encher o vão da porta do salão que dava para o pátio de entrada. Admito que fiquei surpreso pela segunda vez. O Sr. Tibiriçá, percebendo minha reação, disse-me tranquilamente: ‘Sempre que comemos abacaxi, aqui em casa, tenho o hábito de cortar primeiro um pedaço para eles; assim eles já sabem disto e vêm, como o senhor pode ver, pedir o seu pedaço’, e, enquanto isto, como só tinha à mão um abacaxi bem maduro, foi-lhes dando muitos dos outros frutos que haviam sido trazidos e preparados para mim.¹⁶¹

Diante dessa cena fraterna, indagou Couty àqueles que “não tem o espírito prevenido”, será que “existe na Europa muitas propriedades agrícolas cujo dono tenha tantos cuidados, tanta atenção, tanta verdadeira afeição para com seus assalariados?”. Couty sabia que a resposta era não, pois seu objetivo era o de mostrar que o pronunciamento de Schoelcher não era verdadeiro ao trazer aspectos das relações entre senhor e escravos que não existiam, segundo ele, na França. Desse modo, Couty produz um retrato de uma escravidão branda,¹⁶² diferente

¹⁶¹ Idem, p. 98.

¹⁶² Celia Marinho de Azevedo entendeu Couty como aquele que lançou alicerces profundos para amparar as imagens paradisíacas da sociedade brasileira dos Oitocentos, suas descrições do Brasil como uma sociedade multirracial serviriam de argumento para atrair imigrantes, pois evidenciariam a ausência de conflitos étnicos – principalmente se comparassem a escravidão no Brasil com as da América Central: Haiti e do Norte: Estados Unidos. AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco*, op. cit., 2008, p. 65-66.

daquela que Schoelcher presenciou em sua luta abolicionista. Sobretudo, Couty vai notar que havia homens sábios no Brasil. Homens como o bondoso fazendeiro Tibiriçá, que dividia abacaxis com seus escravos. Que deixou Couty encantado com os livros que encontrou na mesa de trabalho desse seu anfitrião: “Darwin, Spencer, Lyell, C. Barnard, e, devo admitir, não era nem surpresa que os via ali, e que os via trazerem as marcas de uma leitura prolongada”.¹⁶³

Por esse modo de tratar os escravos, pelas leituras, pela condução da produção agrícola, que os fazendeiros eram para Couty a classe mais importante do Império. Na sua divisão da sociedade brasileira, de 12 milhões de pessoas, dizia que aproximadamente “quinhentos mil” indivíduos “fazem parte das famílias proprietárias de escravos: são fazendeiros, advogados, médicos, funcionários, administradores, comerciantes” que produzem a riqueza do país. O restante da população livre “leva uma vida pouco produtiva, refugiando-se nas matas e zonas despovoadas, em geral muito afastadas”. Nenhum desses homens era capaz de fornecer um trabalho agrícola ou industrial regular. Em síntese, observamos “a questão de uma forma mais abrangente e estudemos o conjunto da população, cuja situação funcional pode se resumir a uma palavra: *O Brasil não tem povo*”.¹⁶⁴ Era com isso em mente que Couty argumentava, em resposta a Schoelcher, a primazia da Lei do Ventre Livre (1871), posto que diante de uma abolição o que restaria ao fazendeiro, se

¹⁶³ COUTY, Louis, op. cit., 1988, p. 98.

¹⁶⁴ COUTY, Louis, op. cit., 1988, p. 102.

o homem livre não mantém atividade regular? Por isso Couty estabeleceu uma análise que visou desqualificar os trabalhadores livres e libertos que tinham origem na fonte da escravidão. Sobretudo, tencionava ressaltar a força dos homens como os fazendeiros de valor como Tibiriçá. Senhores de escravos que no Brasil vem procurando “habituar os seus negros ao casamento, à propriedade, ao trabalho interessado e produtivo”. Ou seja, tentando civilizá-los ao polir os maus hábitos.¹⁶⁵ Desse modo, dizia ele que “os teóricos, que pretendem a igualdade entre todos os homens, talvez não tenham levado em conta o fato do negro que, uma vez libertado, quererá formar castas e não confundir todos os libertos”.¹⁶⁶ Para Couty, o negro livre não se tornaria melhor, continuaria a ser incapaz de realizar seus deveres sociais e de respeitar os direitos de seus concidadãos. Ele entende o negro como incapaz de realizar qualquer atividade do mundo civilizado, mas que quando isto acontece, o ato será mera representação, sem qualquer significado para o negro. Para tanto, dá o exemplo da ida do negro à igreja. Nesse ato percebe que suas práticas fariam inveja aos devotos mais convictos, mas os negros, dizia Couty, “jamais compreenderam as práticas que lhe fazem realizar, como também não sabem

¹⁶⁵ O civilizar se relaciona com a “transformação polida: os bárbaros, os provincianos, os jovens, em suma a natureza ‘feroz’ e ‘grosseira’ antes que a arte se tenha encarregado dela para aperfeiçoar, isto é, alterá-la em um processo de suavização, de ornamento e de educação”. STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 28. Assim também se dava quando os fazendeiros do Brasil tentavam transformar os hábitos dos negros.

¹⁶⁶ COUTY, Louis, op. cit., 1988, p. 100.

nada a respeito dos dogmas que se lhes fazem reverenciar”. Os negros teriam “o gosto pela imitação”, e isso permitiria que aprendessem ofícios difíceis, tornando relativamente suficientes em tal campo. Apesar de entender que o negro pudesse ser útil, Couty não via no negro a possibilidade do aperfeiçoamento, e por isso o máximo que alcançaria era uma condição secundária na estrutura social civilizada. Desse modo, resumia Couty que a permanência do negro “em uma nação civilizada, como o Brasil, e as grandes liberdades de que ele goza no país só serviram para modificar o seu exterior [...]”.¹⁶⁷ Essas características que Couty imputou ao negro estão no cerne da ideologia do branqueamento que tem Couty como um dos principais ideólogos. Nesses termos, se os negros, para Couty, eram incapazes de civilizar-se, deviam ser postos fora do processo de formação da civilização brasileira, do povo brasileiro.¹⁶⁸

Foi esse o argumento que Louis Couty elaborou para contrapor o discurso de Schoelcher. Quis Couty

¹⁶⁷ Idem, p. 101.

¹⁶⁸ Segundo Starobinski, “Um termo carregado de sagrado demoniza o seu antônimo. A palavra civilização, se já não designa um fato submetido ao julgamento, mas um valor incontestável, entra no arsenal verbal do louvor ou da acusação. Não se trata mais de avaliar os defeitos ou os méritos da civilização. Ela própria se torna o critério por excelência: julgar-se-á em nome da civilização. É preciso tomar seu partido, adotar sua causa. Ela se torna motivo de exaltação para todos aqueles que respondem ao seu apelo; ou inversamente, fundamenta uma condenação: tudo que não é a civilização, tudo que lhe resiste, tudo que a ameaça, fará figura de monstro ou de mal absoluto. Na excitação da eloquência, torna-se permissível reclamar o sacrifício supremo em nome da civilização. O que significa dizer que o serviço ou a defesa da civilização poderão, eventualmente, legitimar o recurso à violência. O anticivilizado, o bárbaro devem ser postos fora da condição de prejudicar, se não podem ser educados ou convertidos” (2001, p. 33).

demonstrar que na estrutura da sociedade brasileira, uma parte dos elementos que a constituíram era de fato útil, eram os fazendeiros, advogados, médicos, etc. A outra parte, a grande maioria dos homens livres, e libertos, vegetavam. Por isso, a abolição precisava ser gradual e nisso a Lei do Ventre Livre cumpria sua função. Do contrário, com a abolição sem reformas, o país entraria em crise. Nesse caso, não era fácil para um estadista, como Pedro II, conduzir as reformas sem crises maiores, por isso a abolição gradual seria o meio capaz de levar o país a um estágio sem escravidão.

A repercussão de seu livro na imprensa foi grande, recebeu críticas favoráveis e golpes veementes de oposição, em especial da imprensa abolicionista. Em texto publicado pelo *Jornal do Commercio* referente ao livro de Couty, encontramos sinais claros do lugar de amigo do Brasil que Louis Couty passou a ocupar na grande imprensa da Corte. O título da nota, “Escravidão no Brasil”, reproduzia o título do livro de Couty. A folha fez um exame da questão social da escravidão no Brasil como uma introdução para chegar a análise do livro de Couty. Desfere críticas à falta de exatidão na fala do Senador abolicionista francês Schoelcher; atenta para a defesa de Couty para com o Brasil; releva os erros históricos e mesmo os factuais de Couty, enfatizando as suas contribuições importantes para o país.¹⁶⁹ O texto iniciava com uma constatação representativa do perfil que a folha procurava veicular: “Onde se trata de escravidão e de escravos há para nós lugar obrigado, como derradeiros

¹⁶⁹ *Jornal do Commercio*, 28 jun. 1881.

representantes, que somos entre os povos cultos, desse triste legado que tem sido rémora do nosso progresso e inelutável obstáculo a nossa definitiva organização social e econômica [...]”.¹⁷⁰ Assumia para si um dever de estar de prontidão para as causas da escravidão, que, segundo a folha, era o obstáculo ao desenvolvimento do país, de seu progresso. Esse era um dos climas quando se pensava sobre escravidão, de uma forma ou de outra, entendia que a organização social advinda do modo escravista seria um obstáculo ao livre desenvolvimento do país rumo ao progresso e a civilização.

Adiante a folha evidenciou a realização de esforços empregados “para nos limparmos dessa mácula”, que em parte “alguma ainda se mostrou em proporções tão temerosas quanto no Brasil”. A partir disso, traz inquietações a respeito da maneira como “somos julgados incompletamente”, de um ponto de vista que não descortina “todos os acidentes que abrangem o horizonte da vida de um povo em cujo seio, pela estimação mais favorável, há um escravo para nove homens livres”.¹⁷¹

O texto elabora uma forma de mostrar, seguindo as formulações de Couty, que existia um processo e meios contrários ao que se apresentava modelado pela escravidão, que havia uma obra em defesa da emancipação dos escravos. Que havia um movimento contrário à escravidão. Isto porque o texto expõe que o discurso de Schoelcher foi realizado na presença de figuras de notório destaque nas causas pertinentes a abolição da escravidão

¹⁷⁰ Idem.

¹⁷¹ Idem.

na época, como exemplo Gambeta e outras autoridades francesas e estrangeiras, ou seja, a imagem maculada do Império era exposta a um grande público de notáveis.

No discurso, diz o jornal, Schoelcher, “ocupando-se do estado da questão da escravidão em nossa pátria, exprimiui conceitos só explicáveis pela ignorância em que mais tarde reconheceu laborar a respeito das coisas do Brasil”. De modo indignado, o *Jornal do Commercio* declarava não entender por qual método Schoelcher chegara a tal ilação, de que “em menos de dois séculos não teremos expungido a nódoa da escravidão”.¹⁷² Era nesse momento que diante da fala objurgatória do abolicionista francês, Louis Couty levantou-se contra e escreveu um opúsculo, *L’esclavage au Brésil*, precedido de uma carta a Schoelcher em que procurou, segundo o jornal, demonstrar “fazendo votos pela aceleração do desfecho do grave problema e aduzindo considerações, *fundadas na observação pessoal* para por em relevo a superioridade do trabalho livre sobre o trabalho escravo”.¹⁷³

Diante do episódio, para a folha Louis Couty tirava “o Brasil de muita pecha iniqua”. Posto que, reivindicava para a “lei Rio Branco o alto apreço moral” que merecia a lei. Sobretudo, acentuou “a tendência emancipadora que tão vivaz se mostra em nosso país”. E que,

dá como fato provável que o fim do século, tendo visto desaparecer entre nós a escravidão pela transformação que se opera, presidirá aos destinos do Brasil como aos do único país que terá

¹⁷² *Jornal do Commercio*, 28 jun. 1881.

¹⁷³ *Idem*.

realizado o generoso sonho de M. Schoelcher: um estado social em que o negro, completamente igual ao branco, compartilha de todas as funções do nosso organismo.¹⁷⁴

Corroborou a afirmativa de Couty, que “a lei de 1871 nunca foi considerada um *maximum*, e que a maioria dos brasileiros, alistados ou não em sociedades abolicionistas, busca meios de chegar à solução do problema mais rapidamente do que aquele grande ato deixa esperar”.¹⁷⁵

A preocupação era de dissolver uma imagem negativa de que havia um aceite por completo da escravidão na sociedade brasileira, evidencia-se assim uma visão daqueles que viam na escravidão uma necessidade gradual e daqueles que se empenhavam na luta contra o trabalho escravo. Contudo o jornal se preocupava em colocar que o desejo do fim da escravidão era universal no Brasil:

O ilustre professor podia dizer as universalidades dos brasileiros, porque nenhum há, com efeito, que deseje ver acabar a escravidão ao pé da cova do último escravo. Os que mais apreensivos se têm mostrado sobre o curso desta questão, não consideram a lei de 28 de setembro como as colunas de Hercules, além das quais não é dado passar.¹⁷⁶

Com apreço agradecia a pronta resposta de Couty a Schoelcher. Contudo, não deixou de fazer ressalvas aos erros contidos no livro: “O livro de M. L. Couty, se contém inexatidões, desculpáveis a um estrangeiro, primeiro a

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ Idem.

¹⁷⁶ *Jornal do Commercio*, 28 jun. 1881.

pedir que lhe as indiquem, é no seu aspecto geral uma obra de consciência”.¹⁷⁷

A folha lista algumas inexatidões existentes na obra de Couty, dentre elas a de que “os senhores de escravos são obrigados a manter escolas para os filhos destes” e que “os castigos corporais tenham sido interditos ou limitados...” ou de que, “nestes últimos quatro anos, 40.000 escravos têm sido alforriados pela filantropia particular”.

Todavia,

estas e outras inexatidões não desmerecem, contudo, o valor relativo do livro de M. L. Couty. Este professor visitou algumas das nossas províncias do sul, viu com seus próprios olhos o regime da escravidão em numerosas fazendas e estâncias, e se, como é natural, lamenta a sorte do escravo e a sorte de quem é obrigado a tê-los, trouxe insuspeito testemunho, de que não devemos envergonhar-nos.¹⁷⁸

Louis Couty possuía, portanto, a visão de quem viu de perto a realidade da escravidão e como homem da ciência seu olhar e suas considerações eram conscientes e quando comparadas ao olhar que operava com abstrações sobressaía e ganha características de verdadeiras. Assim, o autor do texto do *Jornal do Commercio* asseverava as ações de Couty como favoráveis aos interesses do país. A imagem de Couty como “amigo do Brasil” se consolidava para seus coevos. Contudo, houve outro lado que contrapôs às conclusões de Couty sobre a escravidão no Brasil.

¹⁷⁷ Idem. [grifo nosso].

¹⁷⁸ Idem. [grifo nosso].

2.10 O abolicionismo contra Couty

A Sociedade Brasileira Contra a Escravidão através de seu impresso *O Abolicionismo*, analisou, também, o livro de Louis Couty, da mesma forma que o *Jornal do Commercio*, logo em seguida de sua publicação. A chamada para o artigo tinha o título “Livro do Dr. Couty”. O texto, no início, trazia considerações técnicas sobre o livro e logo em seguida asseverava que “Os estrangeiros não têm a mesma razão de tomar a peito a causa da emancipação que temos nós, brasileiros. Para eles a reputação moral e a constituição liberal do país valem muito pouco”.¹⁷⁹ O que se procurava passar era que Couty, como estrangeiro, não tinha autoridade para tratar de assuntos nacionais.

No texto, o autor estabeleceu duas visões sobre o negro, a do cientista e a do abolicionista. A tese nova, como a afirma o autor, “é que o negro não é igual ao branco”. Estava atento às teorias racialistas que pululavam dos laboratórios dos cientistas. Para em seguida pouco importar se existe ou não superioridade racial entre negros e brancos: “O Dr. Couty ocupa-se do negro cientificamente, como professor de um museu; para nós, porém, os negros são cultivadores do nosso solo, um elemento considerável da nossa população [...]”. É interessante notar as relações que o texto faz com termos científicos, biológicos ou sociológicos: “A nós interessa por enquanto pouco saber se o negro é biologicamente ou sociologicamente inferior ao branco”. Para em seguida concluir o parágrafo chamando atenção para o cálculo desigual que a

¹⁷⁹ *O Abolicionismo*, (01 de agosto de 1881). A Sociedade Contra A Escravidão tinha como sede a capital do Império.

escravidão colocava, “[...] Inferior ou superior, não há razão alguma para que duzentos, trezentos e quatrocentos negros trabalhem para um branco. Se eles são inferiores, para que o foram roubar ao seu continente, fora do qual, e em contato com o branco, eles degeneram?”¹⁸⁰

Mais adiante, entrando no aspecto da Lei de 28 de Setembro de 1871, o autor do texto concorda com as ponderações de Couty quando este assegurou, na carta a Schoelcher, que em menos de trinta anos ter-se-ia a supressão completa da escravidão.

Contudo,

deixando este último ponto, que se pode muito debater sem chegar a nenhum resultado, todas as outras afirmações do Sr. Couty são enganos deploráveis da parte de um professor de uma das nossas Academias, que fala ao Sr. Schoelcher em virtude do conhecimento que diz ter das nossas causas.¹⁸¹

A aproximação de Couty a Schoelcher soa como lamento de uma situação vexatória em que alguém sem saber do assunto põe-se a falar como entendido. Provavelmente, era essa a ideia que se fazia de Couty esta Sociedade e outras pessoas que estavam desse lado do debate sobre a escravidão. Posto que, “O Sr. Couty pintando com cores apagadas a escravidão no Brasil, quis somente consolar os indivíduos e o governo interessados na liquidação, sem danos e perdas, dessa complicada sucessão”.¹⁸²

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ *O Abolicionismo*, 1º ago. 1881.

¹⁸² *O Abolicionismo*, 1º ago. 1881.

Apesar de considerar os argumentos de Couty sobre a Lei do Ventre Livre, em certa medida, aceitáveis, o autor do texto concluía citando trecho da resposta que o abolicionista Schoelcher deu a Couty:

A última palavra nessa polêmica entre o Sr. Couty e o Sr. Schoelcher devia, porém, caber a este benemérito da humanidade. Por isso transcrevemos o final da resposta que ele deu ao seu compatriota. ‘Trinta anos de escravidão, com as suas degradações, os seus castigos corporais, as suas vendas de homens, mulheres e crianças, como animais domésticos ou coisas, impostos a um milhão e quinhentas mil criaturas humanas, é um prazo longo de mais para que os amigos da humanidade possam a ele resignar-se’.¹⁸³

A observação mais aceitável de Louis Couty seria desqualificada pela resposta do abolicionista francês Schoelcher. Desse modo, Couty era classificado pelos abolicionistas como alguém que mascarou o que de fato era a escravidão no Império brasileiro. Dois anos mais tarde, em 1883, Joaquim Nabuco usaria esse mesmo trecho da carta de Schoelcher a Couty como epígrafe para seu *O Abolicionismo*.¹⁸⁴

Esse episódio de Couty se enlaçou com as questões mais urgentes da última década do Império. Marcou, para um lado da sociedade imperial, sua imagem de amigo do Brasil. Desse modo, entendemos este momento como o clímax de sua narrativa sobre o Brasil. Sobre tudo, porque

¹⁸³ *O Abolicionismo*, 1º ago. 1881.

¹⁸⁴ NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Publifolha, 2000, p. 23.

foi a partir desse momento que ele viu necessidade estudar os “costumes” e “características sociais”, abrindo mão como ele diz do “estudo das raças e dos caracteres étnicos”. Especialmente porque no Brasil dizia ele que “o liberto entra plenamente em uma sociedade na qual ele é imediatamente tratado como igual”. Formando-se assim uma mestiçagem que fazia do Brasil um lugar onde “inexiste o preconceito racial”. Sobretudo, porque “esses mestiços misturam-se inteiramente à população branca”, mantendo “relações íntimas e cotidianas”.¹⁸⁵

Devemos enfatizar que não foi toda a sociedade imperial que abraçou a defesa que fez Couty das condições da escravidão no Império. Sobretudo, não abraçou a descrição paradisíaca das relações raciais no país. O movimento abolicionista, como narramos, subsidiou intensa crítica ao que Couty realizou em Paris. Crítica que perdurou até a morte de Couty em novembro de 1884. Desse modo, entendemos que da reação do movimento abolicionista ao que disse Couty ao prócer dos abolicionistas, foi um lance decisivo para o momento mais ativo do abolicionismo. Ao mesmo tempo foi o lance que colocou Couty como amigo do Brasil. Da publicação de *A escravidão no Brasil* em 1881 até *O abolicionismo* em 1883, podemos notar uma relação de debate pelos textos entre Couty, que resumia as ideias imigrantistas e rechaçava o negro como elemento ativo na formação do povo, e o movimento abolicionista que criticava a postura segregacionista de Couty.

¹⁸⁵ COUTY, Louis. *A escravidão no Brasil*, op. cit., 1988, p. 52.

2.11 “Meu laboratório” que “eu devo e eu sei a vossa Majestade”

O momento que Louis Couty assinalou no seu artigo “A missão de um homem”, como citamos no início desse capítulo, teve como ponto importante o debate entre ele e Schoelcher. Que recrudescceu a partir de então. A missão de D. Pedro II era, para Couty, a de convergir os ambivalentes interesses da abolição, a fim de que seguissem uma única direção. Contudo, meses depois de “A missão de um homem”, Couty demonstrou que a melhor ação seria a de fazer as reformas via imigração.

Desse modo, notamos como Couty elaborou a defesa dos interesses do Império, isto é, do Imperador, baseado na relação mutua que se estabeleceu entre ele e Pedro II, que mediou sua vinda ao país, dando a possibilidade de ação sonhada por qualquer homem de ciência de seu tempo. Indícios dessa relação estão nas cartas que Couty enviou a Pedro II, em que reportava a admiração e surpresa que seus colegas franceses expressaram quanto às condições de ciência que ele tinha no Brasil. Encontrase, também, na consideração que fez Couty ter em Pedro II o “primeiro abolicionista” brasileiro. Por sua vez, Couty mediou a defesa dos interesses e da imagem do Império, fazendo desse momento seu clímax no país. Doravante a este clímax veremos como Couty agiu e pensou o Império do Brasil.